

Ser Homem em Maputo:

Masculinidades, Pobreza e Violência em Moçambique

Resultados do Inquérito
Internacional sobre Homens e
Igualdade de Género (IMAGES)



Ser Homem em Maputo: Masculinidades, Pobreza e Violência em Moçambique

Resultados do Inquérito Internacional sobre
Homens e Igualdade de Género (IMAGES)

Henny Slegh | Esmeralda Mariano | Silvia Roque | Gary Barker

2017

COORDENADOR



PARCEIROS



COM O APOIO DE



Sobre este Estudo

O estudo do IMAGES em Moçambique foi liderado pelo Instituto Promundo e pela Universidade Eduardo Mondlane, em colaboração com o Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra, Portugal), o Centro de Estudos Sociais Aquino de Bragança, e as ONG CÁ-PAZ e SonkeGender Justice. O financiamento para o estudo foi providenciado pela SAIC – Safe and Inclusive Cities (Cidades Seguras e Inclusivas), uma iniciativa do IDRC – International Development Research Centre (Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento) do Canadá e do Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido. O financiamento também foi disponibilizado pela Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional (ASDI), através da Sonke Gender Justice e MenEngage Africa.

Sobre o IMAGES

O Inquérito Internacional sobre Homens e Igualdade de Género (International Men and Gender Equality Survey – IMAGES) é um estudo abrangente e multinacional sobre as realidades, práticas e atitudes dos homens em relação às normas de género, políticas de igualdade de género, dinâmica familiar, prestação de cuidados e envolvimento como pais, violência entre parceiros íntimos, diversidade sexual e pressão económica e de saúde, entre outros temas.¹ O Promundo e o ICRW – International Center for Research on Women (Centro Internacional de Pesquisa sobre as Mulheres) criaram o inquérito IMAGES, que já foi aplicado em mais de 30 países até 2016, incluindo o presente estudo levado a cabo em Maputo, Moçambique. Foram realizados outros estudos de parceiros inspirados no IMAGES na Ásia pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).²

O inquérito inclui mulheres e homens com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos. São feitas perguntas às mulheres sobre as suas próprias realidades e sobre os seus parceiros masculinos, conforme apropriado. De acordo com as recomendações da Organização Mundial de Saúde para a pesquisa de opinião sobre violência sexual e baseada em género, este inquérito é realizado com homens e mulheres nas mesmas comunidades, mas não nos mesmos agregados familiares. São observados todos os procedimentos éticos relevantes na pesquisa. O inquérito é realizado em combinação com abordagens da pesquisa qualitativa para mapear masculinidades, contextualizar os resultados do inquérito e fornecer histórias de vida detalhadas que resultam nos principais resultados quantitativos. No caso de cenários afectados por conflitos, cenários de pós-conflito ou cenários onde a violência urbana tem elevada intensidade, o questionário do IMAGES inclui perguntas adicionais sobre os efeitos do conflito, violência urbana e deslocamento de pessoas nas relações de género.

Promundo

Fundado no Rio de Janeiro, Brasil, em 1997, o Promundo trabalha para promover a equidade de género e construir um mundo livre de violência envolvendo homens e meninos em parceria com mulheres e meninas. O Promundo é um consórcio global com membros no Brasil, Estados Unidos, Portugal e República Democrática do Congo que colaboram para levar a cabo esta missão através da realização de pesquisas aplicadas que criem a base de conhecimento sobre masculinidades e igualdade de género; do desenvolvimento, avaliação e alargamento de intervenções e programas transformadores do género; e da realização de acções de advocacia nacional e internacional com vista a alcançar a igualdade de género e a justiça social.

¹ Para mais informações sobre o IMAGES, veja Barker, et al. (2011). *Evolving Men: Initial Results from the International Men and Gender Equality Survey (IMAGES)*. Washington, DC: International Center for Research on Women (ICRW) e Rio de Janeiro: Instituto Promundo. Disponível em: <http://promundo.org.br/programas/pesquisa-internacional-sobre-homens-e-equidade-de-genero/>

² Para mais informações sobre os estudos inspirados pelo IMAGES na Ásia, veja <http://www.partners4prevention.org/>

Universidade Eduardo Mondlane (UEM)

A UEM participou na elaboração e implementação do inquérito através da sua Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Arqueologia e Antropologia. Os responsáveis pela colecta de dados para o inquérito foram recrutados e treinados na UEM. A segunda fase da pesquisa qualitativa foi realizada pela equipa local da UEM. O Centro de Coordenação para os Assuntos de Género (CeCAGE) da UEM apoiou no processo de validação dos resultados preliminares do inquérito.

Centro de Estudos Sociais – CES

Com sede na Universidade de Coimbra em Portugal, o Centro de Estudos Sociais (CES) é uma instituição privada sem fins lucrativos dedicada à pesquisa em ciências sociais e humanidades. Fundado em 1978, o CES inclui 96 pesquisadores, 19 pesquisadores associados e 28 pesquisadores juniores – incluindo sociólogos, economistas, juristas, antropólogos, historiadores, especialistas em relações internacionais e geógrafos, entre outros. O CES promove novas epistemologias e estimula a interação cultural de ideias e a investigação inovadora, nas relações Norte-Sul, com especial destaque para a cooperação com os países de língua portuguesa e na Europa. Também apoia o aprofundamento progressivo dos direitos humanos e da democracia em todo o mundo.

CESAB

O CESAB é um centro de estudos moçambicano associado ao Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra em Portugal. O CESAB ajudou a organizar as primeiras reuniões com as partes interessadas em Maputo e discutiu o desenho do estudo. A equipa ajudou a desenvolver o guia de pesquisa qualitativa e conduziu a primeira ronda de discussões dos grupos focais.

CÁ-PAZ

A CÁ-PAZ é uma ONG moçambicana com sede na Matola, Província de Maputo, Moçambique, que presta apoio psicossocial a mulheres, homens e famílias expostas à violência doméstica. Fundada em 2007, a sua principal acção é o empoderamento das comunidades, implementando o modelo de Bons Vizinhos para a protecção das mulheres e crianças, combate e prevenção da violência doméstica. A equipa ajudou a identificar os participantes dos grupos focais, supervisionou a implementação do inquérito e facilitou o acesso aos bairros participantes na Matola e Maputo para a pesquisa.

Agradecimentos e Autoria

O Instituto Promundo (Brasil) e o Promundo-US (Estados Unidos) coordenaram o estudo, em colaboração com a Universidade Eduardo Mondlane, a CÁ-PAZ, e o CESAB, com o apoio da Sonke Gender Justice. Os pesquisadores foram:

- Henny Slegh: Coordenadora principal da pesquisa, Promundo-US
- Esmeralda Mariano: Coordenadora principal da pesquisa em Moçambique, UEM
- Carmino Augusto Machavana: Coordenador local para a amostragem, CESAB
- Marcelina Chai Chai: Coordenadora da pesquisa de campo, CÁ-PAZ
- WeConsult: Coordenação da elaboração da base de dados quantitativos
- João Afonso: Análise de dados quantitativos, Instituto Promundo
- Ruti Levto: Análise de dados quantitativos, Promundo-US
- Sílvia Roque: Coordenação da pesquisa qualitativa, CES e Promundo-Portugal
- Alice Taylor: Coordenação geral do projecto, Instituto Promundo
- Gary Barker: Pesquisador principal; assistência técnica em análise de dados, elaboração do relatório e supervisão geral, Promundo-US
- Tatiana Moura: Pesquisadora principal; assistência técnica e supervisão geral, Instituto Promundo

A equipa de pesquisa do IMAGES-Maputo incluiu 60 entrevistadores. Gostaríamos de manifestar a nossa gratidão pela sua dedicação na realização do estudo. Os nossos agradecimentos são também extensivos a cinco pesquisadores dedicados à pesquisa qualitativa: André Cristiano José, João Paulo, Altino Moisés, Jéssica Josias e Anésio da Conceição. Gostaríamos ainda de agradecer à Marcelina Chai Chai pelo seu apoio na pesquisa qualitativa.

Agradecemos ainda a todos os funcionários do Promundo-US e da Sonke Gender Justice que apoiaram o processo, nomeadamente Alexa Hassink, Richard Boriskin, Giovanna Lauro, Nina Ford, Annaick Miller e Dean Peacock. Muito obrigado a Teresa Maneca e Carlos Casanova, do Promundo-Portugal e Instituto Promundo, pelo seu apoio na pesquisa, desenho e realização do inquérito. Agradecemos também ao Director da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Prof. Dr. Cláudio Mungoi pelo seu apoio durante o processo de implementação do estudo.

O financiamento do estudo foi disponibilizado pelo Safe and Inclusive Cities (SAIC), uma iniciativa do Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento do Canadá (IDRC), e pelo Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (DfID). Também foi obtido financiamento da Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional (ASDI) por intermédio da Sonke Gender Justice e Men Engage Africa. Obrigado a Jennifer Salahub e Markus Gottsbacher do IDRC pelo apoio desde o início do projecto e a Rose Orth e Manon Therien pela sua administração financeira por parte do Instituto Promundo e do IDRC, respectivamente.

A equipa de pesquisa também gostaria de agradecer à Dra. Gracinda Mataveia, Directora do Centro de Coordenação para Assuntos de Género (CeCAGe) da UEM pela coordenação das reuniões dos intervenientes, e aos seguintes peritos e intervenientes de organizações moçambicanas e internacionais em Moçambique pelas suas contribuições:

- Althea Anderson, Sonke Gender Justice
- Graça Samo e Nzira de Deus, Fórum Mulher
- Terezinha da Silva e Conceição Osório, Women and Law in Southern Africa Research and Education Trust (WLSA Moçambique)
- Júlio Langa e Cremildo Churane, HOPEM (Rede Homens pela Mudança)
- Marcelina Chai Chai, CÁ-PAZ
- Beatrice Crahay e Joelma Joaquim, Centro Internacional para a Saúde Reprodutiva (International Centre for Reproductive Health– ICRH) Moçambique
- Celma Menezes, Fanelo Ya Mina
- Lurdes Mabunda, Ministério do Interior
- Albachir Macassar, Ministério da Justiça, Direcção Nacional dos Direitos Humanos
- Helena Fulane, Liga dos Direitos Humanos
- Francisca Sales, Ministério do Género, Criança e Acção Social
- Angélica Pino, Sonke Gender Justice
- João Carlos Trindade, CESAB
- Isabel Casimiro, CEA/UEM (Universidade Eduardo Mondlane)
- Cristina Azevedo, N'weti
- Jeremias Messias, Centro de Estudos Moçambicanos
- Carla Mendonça, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) Moçambique
- Teresa Cunha, CES–Universidade de Coimbra

Os autores manifestam a sua gratidão especialmente à Prof. Dr. Inês Macamo Raimundo, da Universidade Eduardo Mondlane, e à Dra. Ximena Andrade, da WLSA Maputo, pelos seus comentários úteis ao primeiro rascunho do relatório.

Sugestão para Citação

Slegh, H., Mariano, E., Roque, S., & Barker, G. (2017). *Ser Homem em Maputo: Masculinidades, Pobreza e Violência em Moçambique: Resultados do Inquérito Internacional sobre Homens e Igualdade de Género (IMAGES)*. Washington, DC e Rio de Janeiro: Promundo.

O presente relatório reflecte os resultados desta pesquisa e as opiniões dos autores. Não reflecte necessariamente as opiniões do Centro de Investigação para o Desenvolvimento Internacional do Canadá ou do Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido.

© 2017

Índice

SUMÁRIO EXECUTIVO	11
DEFINIÇÕES E CONCEITOS FUNDAMENTAIS	14
1. CONTEXTO DO MOÇAMBIQUE PÓS-CONFLITO	15
1.1 Características da Área de Estudo	15
1.2 Conflito e Violência em Moçambique	17
1.3 Questões e Objectivos da Pesquisa	17
2. METODOLOGIA	19
2.1 Locais de Pesquisa e Amostra	19
2.2 Métodos de Pesquisa	20
2.3 Considerações Éticas	21
2.4 Análise de Dados	21
2.5 Âmbito e Limitações do Estudo	21
3. RESULTADOS DA PESQUISA	23
3.1 Características da Amostra	23
3.2 Condições Socioeconómicas, Situação de Emprego e Dinâmica de Género	25
3.3 Normas e Atitudes de Género, incluindo Práticas Tradicionais, Cultura e Violência Contra as Mulheres	29
3.4 Dinâmica de Género em Casa	35
3.5 Participação dos Homens nos Cuidados, no Parto e como Pais	38
3.6 Sexualidade e Saúde Sexual e Reprodutiva	39
3.7 Interligação entre Guerra, Violência no Espaço Público e Violência Doméstica	42
3.8 Outras Práticas de Assunção de Riscos: Uso de Substâncias e Sexo Transaccional	54
4. CONCLUSÕES	57
5. RECOMENDAÇÕES	59
REFERÊNCIAS	60

Acrônimos:

VBG	Violência Baseada no Género
GEM	Atitudes Equitativas de Género (Escala)
IDS	Inquérito Demográfico e de Saúde
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
IDP	Pessoas Deslocadas Internamente
IMAGES	Inquérito Internacional sobre Homens e Igualdade de Género
VPI	Violência entre Parceiros Intimos
LGBTI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Intersexuais
RENAMO	Resistência Nacional Moçambicana
ITS	Infeções Transmítidas Sexualmente
VCM	Violência Contra as Mulheres
OMS	Organização Mundial da Saúde

Sumário Executivo

Ser homem em contextos de baixa renda em Maputo, acarreta inúmeros desafios, nomeadamente a falta de emprego, a exposição à guerra, violência urbana e pressões sociais e económicas para subscrever determinadas noções de masculinidade culturalmente construídas. Portanto, entender as atitudes e práticas dos homens em termos de relações de género é uma componente fundamental para promover a igualdade de género, pôr fim à violência e conseguir a recuperação do pós-conflito. O estudo IMAGES-Maputo, realizado em 2015, fornece informações sobre a dinâmica dos homens e mulheres das comunidades urbanas de baixa renda em Maputo e na Matola. No total, foram entrevistados 1006 homens e 503 mulheres em inquéritos domiciliares. Foram realizadas entrevistas individuais aprofundadas com 10 homens e participaram ainda 46 homens e 33 mulheres nas discussões nos grupos focais, sendo de seguida apresentadas algumas das principais conclusões.

As **dificuldades económicas** comprometem a capacidade dos homens de alcançar uma masculinidade socialmente reconhecida.

- 32 por cento dos homens no estudo tinham um emprego formal – três vezes mais do que as mulheres (9,6 por cento), mas ainda numa taxa bastante reduzida em comparação com a expectativa social de que os homens devem sustentar as suas famílias.
- 63 por cento dos homens sentiam-se stressados ou preocupados por causa da precariedade dos seus rendimentos.
- 52 por cento dos homens sentiam vergonha de enfrentar as suas famílias quando a sua renda era insuficiente.
- Os homens solteiros não podiam “tornar-se homens” porque não tinham condições de pagar a compensação matrimonial (lobolo).
- Os homens disseram que perderam a legitimidade, “o respeito” que lhes julgavam devido e a “autoridade” em casa quando estavam desem-

pregados. Alguns disseram que “não ter trabalho significa não ter mulher”.

As **tradições culturais**, incluindo a percepção do papel atribuído aos antepassados, afectam as relações de género no lar.

- 65 por cento dos homens e 55 por cento das mulheres concordaram que o “lobolo (pagamento do dote da noiva) torna os homens mais responsáveis pelas suas esposas e filhos”.
- A maioria das mulheres disse que os homens precisam de uma segunda mulher (ou mais uma parceira sexual) e uma mulher “boa” terá paciência em relação a esta situação.
- 29 por cento dos homens participaram dos ritos de iniciação para “se tornarem homens”.
- Ao mesmo tempo, os participantes do estudo questionam algumas tradições culturais: 67 por cento das mulheres e 64 por cento dos homens disseram que deveria ser abolido o levirato, uma prática de purificação sexual pós morte, em que uma mulher viúva tem relações sexuais ou se casa com um irmão do defunto ou familiar deste que seja indicad para casar com ela.
- Os dados qualitativos revelaram que homens e mulheres pensam que as mulheres geralmente causam “problemas nas famílias” porque são possuídas por “maus espíritos”.
- A crença nos espíritos proporciona às mulheres alguma autonomia para manifestarem seu mal-estar ou recusar as relações sexuais.

A **dinâmica de género no lar** é em grande parte tradicional, embora a cooperação e a igualdade sejam valorizadas, especialmente entre os casais mais jovens. As mulheres reportaram consistentemente que os homens estavam menos envolvidos na prestação de cuidados, no parto e como pais, do que o auto-relatado pelos homens.

- 54 por cento dos homens e 59 por cento das mulheres concordaram que o papel mais importante da mulher é cuidar do seu lar e cozinhar.

- 70 por cento dos homens tem rendimento superior ao que a sua parceira, 60 por cento têm maior nível de escolarização e os homens eram pelo menos 5 anos mais velhos em 60 por cento dos casais.
- Apenas 15 por cento dos homens disseram que quando eram crianças, os seus pais tomavam decisões em conjunto.
- 20 por cento das mulheres disseram que o seu parceiro decidia se ela podia ir a um centro de saúde e 40 por cento disseram que o marido decidia se ela podia trabalhar fora de casa.
- 48 por cento dos homens disseram que participavam no cuidado diário dos filhos, embora apenas 8 por cento das mulheres o tenham confirmado.
- Homens com mais de 35 anos de idade disseram que só podiam fazer “trabalho de mulher” quando a esposa estivesse doente.
- 69 por cento dos homens disseram que acompanharam a sua parceira à consulta pré-natal, mas apenas 41 por cento das mulheres o confirmaram.

No que diz respeito às **práticas de saúde sexual e reprodutiva**, homens e mulheres mostram um misto de atitudes e práticas equitativas, com opiniões de subordinação menos equitativas e de opressão contra a mulher – tal como acontece com as normas de género e a tomada de decisões no seio do agregado familiar.

- 36 por cento dos homens e 56 por cento das mulheres disseram que os homens precisam de mais relações sexuais do que as mulheres.
- 53 por cento das mulheres e 29 por cento dos homens disseram que as mulheres são responsáveis pela contraceção.
- 68 por cento dos homens disseram que tinham feito o teste do HIV, com metade deles (49 por cento) a indicar que fizeram o teste no ano passado.
- Tanto os homens como as mulheres – mais jovens e mais velhos – mostraram pouca aceitação de relações entre pessoas do mesmo sexo e pessoas homossexuais.

- As mulheres sublinharam a importância do “bom” comportamento das mulheres no âmbito doméstico: limpar, cozinhar, preparar o banho do homem ao fim do dia e ter relações sexuais quando ele tiver vontade.

O estudo também analisou as ligações entre as construções de **masculinidades violentas e não-violentas e a violência urbana**. Foi perguntado às mulheres se tinham sido vítimas de violência nas relações com o parceiro. Embora a guerra civil tenha terminado em 1992 e o país se orgulhe da sua paz, décadas de violência continuam a causar impacto, em particular na formas como os homens se relacionam com as mulheres e lidam com vários tipos de pressão.

- 14 por cento dos homens disseram que participaram na guerra de 16 anos (ou a Guerra Civil) como combatentes e a maioria foi obrigada a desempenhar esse papel.
- 26 por cento dos homens e 24 por cento das mulheres foram vítimas de alguma forma de tortura física extrema e/ou violência sexual (estupro ou testemunharam um caso de estupro) durante a guerra.
- 25 por cento dos homens e 29 por cento das mulheres continuam a ter pensamentos negativos ou pesadelos relacionados com a guerra.
- Os homens afectados por eventos traumáticos eram mais propensos a consumir álcool e a dizer que a guerra os fazia sentir impotentes, embora muitos também dissessem que a guerra lhes dava força para viver.

Os homens reportaram níveis elevados de exposição e de **experiências de violência em casa, na escola e no bairro**.

- 53 por cento dos homens assistiram os seus irmãos a serem espancados e 30 por cento disseram que testemunharam a violência entre os seus pais.
- 49 por cento dos homens viveram situações de ameaça, intimidação ou assédio nas suas escolas e 42 por cento reportaram a ocorrência destes casos nos seus bairros.
- Os homens que foram vítimas de tal violência na infância tiveram atitudes menos equitativas.

- Experiências de violência numa idade precoce foram estatisticamente associadas à violência mais tarde na vida.

Em termos de factores associados à **violência entre parceiros íntimos**, testemunhar a violência entre os pais, sofrer violência psicológica ou física em casa quando crianças e ser vítima de violência na escola são aspectos que foram significativamente associados à perpetração de violência física por parte do parceiro íntimo.

- 44 por cento das mulheres tinham sido vítimas de violência física de um parceiro do sexo masculino e 45 por cento tinham experienciado violência psicológica.
- 40 por cento dos homens e 13 por cento das mulheres afirmaram que há momentos em que uma mulher merece ser batida.
- Foi afirmado que os “espíritos” desempenhavam um papel na provocação da violência entre parceiros íntimos, de certa forma, dando aos homens uma desculpa para o uso da violência e às mulheres um motivo para “perdoar” o parceiro do sexo masculino que perpetrou o acto de violência.

A **violência sexual** e a **violência urbana** e pública também eram comuns, indicaram os participantes.

- 40 por cento dos homens e 34 por cento das mulheres concordaram que uma mulher que não se vestia “decentemente” estava a pedir para ser violada sexualmente.
- 57 por cento dos homens e 51 por cento das mulheres tinham presenciado alguém a ser agredido fisicamente na rua e 42 por cento dos homens e 25 por cento das mulheres tinham testemunhado ataques pela polícia no ano passado.

- 80 por cento dos homens reportaram ter testemunhado alguma forma de violência urbana / pública antes dos 18 anos.

- A criminalidade juvenil constitui motivo de grande preocupação e, segundo os dados qualitativos recolhidos, tal resulta da necessidade de obtenção de rendimentos por parte dos jovens, do desejo de ter relacionamentos com mulheres jovens (e demonstrar as suas proezas diante das mulheres) e do desejo de sentir-se mais homem.

O estudo também examinou os comportamentos de risco, ou seja, **abuso de substâncias e sexo transaccional**. Os homens que afirmaram que pagavam ou trocavam bens por sexo eram mais susceptíveis de ter perpetrado violência física, psicológica ou sexual e de terem testemunhado, vivido ou participado em actos de violência urbana no último ano, em comparação com os homens que não indicaram envolvimento em sexo transaccional.

- 47 por cento dos homens tinham dado dinheiro ou um presente em troca de relações sexuais, enquanto apenas cerca de 10 por cento das mulheres disseram que já tinham aceitado um presente ou dinheiro em troca de sexo.
- 37 por cento dos homens pagaram para ter relações sexuais ou tiveram relações sexuais com uma trabalhadora do sexo.
- Cerca de um em cada cinco homens (21 por cento) sentiu remorso ou arrependimento depois de consumir álcool em excesso.
- 16 por cento dos homens reportaram usar violência de algum tipo depois de consumir álcool.

Definições e Conceitos Fundamentais

Vários conceitos-chave relacionados com o género e a violência informaram a criação do estudo IMAGES e o presente relatório.

O **género** é entendido como a construção social das diferenças entre homens e mulheres. As diferenças de género são definidas por pressupostos socialmente atribuídos, e não por diferenças determinadas biologicamente entre homens e mulheres. O género inclui a masculinidade (papéis masculinos) e a feminilidade (papéis femininos).

A **igualdade de género** refere-se à igualdade de direitos, oportunidades e responsabilidades para mulheres e homens, raparigas e rapazes. O termo “direitos iguais” refere-se à igualdade de direitos nos termos da lei. A “igualdade de oportunidades” refere-se à igualdade no acesso ao emprego, à terra, à educação, à saúde e a outras fontes de ajuda que possibilitam oportunidades. A “igualdade de responsabilidades” refere-se à igualdade nas tarefas e contribuições para o desenvolvimento da sociedade.

A **masculinidade** é definida como a percepção que os homens e as mulheres têm sobre o papel dos homens na sociedade. Estas percepções são expectativas construídas socialmente associadas ao que significa “ser homem” e não são determinadas por características biológicas.

As definições a seguir referem-se a conceitos centrais relacionados com a experiência de violência:

A **violência baseada no género** (VBG) é a violência que atinge as pessoas por motivos relacionados com o género (os papéis associados aos homens e mulheres) e com relações de poder desiguais entre os dois géneros. As mulheres, raparigas, homens e rapazes podem ser vítimas de violência baseada no género; no entanto, a maioria das vítimas é do sexo feminino.

A **violência contra as mulheres** (VCM) é uma das violações dos direitos humanos mais pre-

dominantes no mundo. A VCM é uma forma de violência baseada no género. A violência contra a mulher é definida como qualquer manifestação de violência física, sexual, psicológica ou económica ocorrida na família e na comunidade em geral, incluindo agressões, abuso sexual de crianças, estupro, mutilação genital feminina, violência não associada a parceiros e violência relacionada com a exploração.

A **violência entre parceiros íntimos** (VPI) refere-se à violência exercida por um parceiro contra o outro durante o casamento, coabitação, ou relacionamento íntimo / romântico. Inclui violência física, sexual, económica ou psicológica no contexto de relacionamentos entre parceiros ou casais. O questionário IMAGES pergunta apenas sobre o uso que os homens fazem deste tipo de violência.

Os tipos de violência contra as mulheres mencionados neste estudo incluem os seguintes actos e comportamentos:

Violência física: bater, espancar com ou sem objecto, ameaçar com uma arma de fogo, tentativa de estrangular ou assassinar, trancar uma pessoa num compartimento ou impedir que uma pessoa saia, etc.

Violência psicológica: controlar o comportamento, impor um comportamento específico, denegrir, isolar ou abalar o valor de uma pessoa, intimidar, ameaçar, chantagear, insultar, etc.

Violência sexual: forçar alguém a ter relações sexuais, ser forçado a ter relações sexuais com outras pessoas, estuprar, impor práticas sexuais indesejadas ou tocar sem consentimento, forçar alguém a testemunhar actos de estupro, casamento infantil, etc.

Violência económica: controlar a renda de alguém ou impedir que alguém tenha acesso a recursos, recusar-se a partilhar a renda ou aos meios necessários para satisfazer necessidades básicas, tais como alimentos, roupa, habitação, etc.

1. Contexto do Moçambique Pós-Conflito

1.1 Características da Área de Estudo

Moçambique está situado no sudeste de África, cobrindo uma superfície terrestre total de 800.000 quilómetros quadrados. É limitado pelo Oceano Índico a leste, a Tanzânia ao norte, o Malawi e a Zâmbia a noroeste, o Zimbabwe a oeste e a África do Sul e a Suazilândia a sudoeste. Moçambique é um país étnica e linguisticamente diverso, misturando línguas indígenas de origem bantu com o português e outras línguas estrangeiras. O português, adoptado como língua oficial após a independência em 1975, é usado principalmente nas cidades e raramente nas zonas rurais.³

Moçambique é caracterizado por uma considerável diversidade religiosa, fundindo religiões importadas (nomeadamente o cristianismo e o islamismo) com crenças religiosas tradicionais que se centram na veneração dos antepassados. Para muitos moçambicanos, incluindo os que são cristãos ou muçulmanos, os espíritos ancestrais são tradicionalmente vistos como as principais fontes para restaurar a saúde e o bem-estar, com implicações nas relações de género.

Moçambique possui 11 províncias, incluindo a cidade de Maputo. Este estudo foi realizado na cidade capital de Moçambique, Maputo, e na cidade da Matola, a capital da Província de Maputo. Maputo Cidade compreende sete municípios distritais: KaMpfumo, KaNhlamankulu, KaMaxakeni, KaMavota, KaMubukwana, KaTembe e KaNyaka. Entre estes, – KaNhlamankulu, KaMaxakeni e KaMubukwana – foram seleccionados os três bairros para a amostra, conforme indicado na Tabela 2. A população de Maputo Cidade é estimada em 1.178.116 habitantes. A população da cidade de Maputo é jovem, com 37 por cento de jovens menores de 15 anos de idade. A Matola está adjacente à cidade de Maputo a oeste e ocupa uma área de 368,4 quilómetros quadrados, com 672.508 habitantes, representando 56% da po-

pulação total da província de Maputo (INE, 2009). Possui 42 bairros, tendo sido seleccionado o bairro da Machava para o presente estudo.

Moçambique apresenta uma taxa de desemprego de 22 por cento e uma taxa de subemprego extremamente elevada, que afecta mais de 87 por cento da força de trabalho (Santos, Roffarello e Manuel, 2015). Embora os últimos anos tenham sido positivos para a economia moçambicana – o PIB cresceu 7,6 por cento em 2014 e 7,5 por cento em 2015, com uma previsão de crescimento de 8 por cento em 2016 – a maioria dos moçambicanos ainda vive abaixo da linha de pobreza. Cerca de 55 por cento tem uma renda abaixo de US\$ 0,60 por dia, valor que está abaixo dos parâmetros de subsistência internacionalmente aceites de US\$ 1 e US\$ 2 por dia. O Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) 2015 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) classificou Moçambique em 180º lugar de 188 países, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,416. Os baixos níveis de escolarização, as elevadas taxas de desemprego e os elevados níveis de participação na economia informal caracterizam as experiências de trabalho da maioria dos homens e mulheres de Maputo e Matola. O país continua a ser um dos mais pobres do mundo, com alguns dos piores indicadores sociais em termos de educação e saúde, conforme apresentado na Tabela 1.

Depois de Moçambique ter conquistado a sua independência em 1975, o êxodo da maioria dos colonos portugueses e comerciantes asiáticos, a adopção do planeamento central e a nacionalização de grandes empresas e a guerra civil desde o final dos anos 70 até o início dos anos 90 resultaram num quase colapso da produção e serviços públicos, bem como na destruição de uma parte significativa da infra-estrutura pública (por exemplo, estradas, hospitais e portos). As elevadas taxas de migração de homens para trabalhar na indústria de mineração da África do Sul complicaram as relações de género e

³ De acordo com o Recenseamento da População e Habitação de Moçambique de 1997, a língua portuguesa era usada por 40 por cento da população.

o trabalho em Moçambique. Essa migração tem-se registado consistentemente há mais de um século e meio e é hoje reforçada pela falta de oportunidades de emprego — não só para os homens, mas também para as mulheres. Um grande número de mulheres, jovens e crianças atravessa a fronteira para a

África do Sul em busca de melhores oportunidades para o auto-sustento e o das suas famílias, muitas vezes usando canais ilegais de migração que os deixam vulneráveis a múltiplas formas de exploração (Mariano, Braga e Moreira, 2016).

Tabela 1: Principais indicadores de desenvolvimento de Moçambique

População, 2015	26,5 milhões
Taxa de mortalidade em menores de 5 anos (mortes por 1.000 nados vivos)	87,2
Esperança de vida à nascença	55,1 anos
Média de anos de escolaridade	3,2
Rendimento nacional bruto (RNB) per capita	1.123 US\$
População que vive abaixo do nível de pobreza	55%
Taxa de mortalidade materna (óbitos maternos por 100.000 nascimentos)	480
Taxa de prevalência de anticonceptivos, métodos modernos	11,6%
Taxa de natalidade na adolescência (nascimentos por 1.000 mulheres de 15 a 19 anos)	137,8
Taxa de prevalência do HIV (15-49 anos)	10,6%

Fontes: UNDP, Human Development Report 2015; INE 2011

Cidade de Maputo

O município de Maputo é o maior agrupamento urbano do país (INE, 2015). A cidade de Maputo está dividida em dois núcleos, de acordo com as suas características espaciais e infra-estruturais: (1) a “cidade de cimento”, com construções de alvenaria, ruas asfaltadas, água canalizada, electricidade e um número significativo de serviços sociais e (2) os “bairros de caniço”, em que as casas foram construídas principalmente com caniço mas, ao longo do tempo, foram substituídas por blocos e zinco. A maioria destes “bairros de caniço” resultou de processos de urbanização que não obedeciam a qualquer planeamento e possui poucos serviços formais de apoio social ou estradas pavimentadas. O saneamento é de má qualidade e a maioria das casas não tem electricidade ou água canalizada.

Hoje em dia, em bairros como o Chamanculo, Xipamanine, Polana Caniço e outros onde este estudo foi realizado, regista-se uma alta densidade populacional. Situações em que três ou mais famílias compartilham uma pequena área (cerca de 15m²) tornaram-se a norma (Barros, Chivangane e Samagaio, 2014). A percepção que os moradores têm dos seus bairros é que são locais congestionados, agitados e por vezes perigosos (Bertelsen, Tvedten e Roque, 2014). Vários tipos de crime comuns em Maputo locais - roubo de viaturas, assaltos à mão armada e assaltos a casas, bancos e lojas comerciais (Shabangu, 2013) - envolvem frequentemente jovens urbanos que vivem nas zonas mais pobres, onde também estão sujeitos a elevados índices de violência estrutural e interpessoal.

1.2 Conflito e Violência em Moçambique

Moçambique é um país marcado por uma história de violência política que inclui a opressão colonial, a luta pela independência de Portugal e violentos conflitos pós-coloniais. De 1976 a 1992, a guerra entre a força política dominante, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e a maior oposição e antigo grupo rebelde, a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), assolou o país. Os movimentos de pessoas deslocadas e refugiados dentro e fora do país eram intensos e alteraram significativamente as condições de vida. Maputo, enquanto capital e maior centro urbano, registou um drástico aumento da sua população durante o período de guerra civil devido à migração interna de refugiados (Espling, 1999; Bénard da Costa, 2002). A violência extrema durante o conflito incluiu sequestros, recrutamento forçado, estupro e mutilação, o que contribuiu para um trauma prolongado (Braga, 2012).

A conjugação de vários factores, incluindo o stress e o trauma pós-conflito, a pobreza e as desigualdades económicas, contribui para a perpetuação da violência de género e de outras formas de violência no contexto pós-guerra.

Em 2011, o Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS) incluiu pela primeira vez perguntas sobre experiências de violência doméstica. Os resultados do IDS indicaram que 33 por cento das mulheres e 25 por cento dos homens tinham sido vítimas de alguma forma de violência física desde os 15 anos de idade e 25 por cento das mulheres e 11 por cento dos homens reportaram ter sido vítimas de violência física nos últimos 12 meses. Para os que já sofreram violência, os perpetradores mais comuns de violência física foram parceiros íntimos: aproximadamente 85% das mulheres e 40% dos homens foram vítimas de violência física cometida por um parceiro antigo ou actual. No total, o IDS constatou que 46% das mulheres e 48% dos homens tinham sido vítimas de violência física, sexual ou emocional cometida por parceiros ou ex-parceiros (INE, 2011).

Simultaneamente, Moçambique está actualmente a registar um aumento de grupos criminosos organizados que são vistos como um “poder paralelo” ao

Estado (Shabangu, 2012). Os sistemas de justiça penal e de segurança pública do país são de um modo geral fracos e não dispõem de recursos suficientes e de pessoal devidamente treinado (Shabangu, 2012; Goredema, 2013).

Da mesma forma, apesar de algumas melhorias no apoio jurídico e psicossocial aos sobreviventes da violência baseada no género (VBG) nos últimos anos, esta continua a apresentar uma prevalência relativamente elevada e muitas vezes é normalizada em Moçambique. (Zacarias et al, 2012; INE, 2011). Entender as raízes de tal violência é crucial para acabar com o ciclo da violência.

1.3 Questões e Objectivos da Pesquisa

Neste contexto, o estudo IMAGES procurou entender as conexões existentes entre as masculinidades, normas de género, práticas violentas e não violentas e violência urbana em Maputo e Matola. O estudo visa informar os actores governamentais e não-governamentais nas áreas de saúde, educação e justiça social sobre questões relacionadas com a igualdade de género e a prevenção da violência. As questões analisadas pelo estudo IMAGES estão especificamente relacionadas com género e com violência:

- Qual é o impacto das múltiplas formas de violência ao longo do ciclo de vida nos homens e nas mulheres?
- Qual é o impacto da pressão económica nos homens, nas masculinidades e nas relações de género?
- Qual é a prevalência do uso da violência por parte dos homens contra as parceiras e que factores estão associados a essa violência?
- Quais são as ligações entre a violência na esfera privada e a violência na esfera pública?
- Que dinâmicas sociais surgem ao lidar com vários factores de stress e de que maneira esses factores influenciam as relações de género?



2. Metodologia

2.1 Locais de Pesquisa e Amostra

O inquérito foi realizado entre Junho e Julho de 2015, com dados de 1.006 homens e 503 mulheres de idades compreendidas entre os 18 e 65 anos nas cidades de Maputo e Matola. A amostra foi seleccionada em colaboração com o Instituto Nacional de Estatística (INE) e estratificada por idade e para ser representativa de alguns municípios e bairros de Maputo e Matola. Devido a limitações orçamentais, a amostra original de 3.200 pessoas feita pelo INE foi reduzida, tendo sido seleccionados bairros dos municípios de Maputo e da Matola, que se caracterizam por taxas de criminalidade e violência mais elevadas. As áreas seleccionadas e a distribuição dos inquéritos são apresentadas na Tabela 2.

Foi aplicada uma estratégia de amostragem por estágios múltiplos. A amostra foi estratificada por sexo e idade, de modo a ser composta por homens e mulheres de 18 a 35 anos e de 36 a 65 anos. Foi

usada uma maior amostra de homens porque o estudo IMAGES visa preencher uma lacuna na pesquisa sobre as práticas e atitudes dos homens e ter maior poder estatístico na análise das respostas dos homens. Em cada bairro, os domicílios foram sistematicamente usados como amostras em três áreas principais definidas pela distância dessas áreas do centro do local. O centro era geralmente definido como sendo o escritório do líder comunitário. Em cada domicílio, os responsáveis pela colecta de dados perguntavam se podiam falar com uma mulher ou com um homem e seleccionavam aleatoriamente entre homens e mulheres adultos elegíveis residentes que estivessem presentes no agregado familiar. Os homens que procediam à colecta dos dados entrevistavam homens e as mulheres entrevistavam mulheres. Além disso, os que colectavam dados com idade inferior a 35 anos entrevistavam participantes mais jovens e os que tinham mais de 35 anos entrevistavam o grupo mais velho.

Tabela 2: Pormenor da colecta de dados do estudo IMAGES em Moçambique.

Distritos municipais da cidade de Maputo	Bairros	Número inquirido	
		Mulheres	Homens
KaMubukwana	George Dimitrov	56	96
	Luis Cabral	64	96
KaNIhamankulu	Chamanculo (C)	64	96
	Xipamanine	64	96
KaMaxakeni	Polana Caniço (A, B)	64	224
Distritos municipais da cidade da Matola			
Machava-Sede	Machava (B)	52	90
	Machava (C)	69	158
	Machava (D,H)	77	158
		510	1.014

Nota: Sete mulheres e oito homens completaram uma pequena parte do inquérito e por isso, excluídas da análise.

Tabela 3: Locais de pesquisa qualitativa

Local	Características do Grupo	Número de participantes
Bairro Trevo, Matola	Homens com mais de 35 anos de idade	10
Bairro Trevo, Matola	Mulheres com mais de 35 anos de idade	10
Machava-Sede, Matola	Homens antigos combatentes com mais de 50 anos de idade	8
Machava-Sede, Matola	Esposas de antigos combatentes com mais de 50 anos de idade	4
Mafalala, Maputo	Homens com menos de 35 anos de idade (21-32)	10
Polana-Caniço, Maputo	Homens com menos de 35 anos de idade (16-18)	5
T3, Matola (2014)	Homens com menos de 35 anos de idade (20-30)	6
T3, Matola (2015)	Homens com menos de 35 anos de idade (18-33)	7
Polana-Caniço, Maputo	Mulheres com menos de 35 anos de idade (20-30)	10
Chamanculo, Maputo	Mulheres com mais de 35 anos de idade	9
	Total	79

Além do inquérito, foram criados 10 grupos focais com um total de 79 participantes, tendo sido realizadas 10 entrevistas individuais com homens. Essas discussões procuravam permitir uma compreensão da dinâmica de género em comunidades e agregados familiares específicos onde ONG locais reportaram a existência de uma grande probabilidade de se ter registado violência familiar ou comunitária. Os bairros foram seleccionados em colaboração com ONG parceiras locais e os participantes foram identificados usando um método de amostragem. Um dos grupos incluía antigos combatentes e esposas de antigos combatentes da guerra civil. Foram criados grupos focais em diferentes bairros dos municípios da Matola e Maputo, segregados por sexo e idade (menores de 35 anos e maiores de 35 anos), conforme apresentado na tabela abaixo. Além dos grupos focais, foram realizadas 10 entrevistas individuais com participantes de todos estes locais.

2.2 Métodos de Pesquisa

O questionário administrado na Matola e em Maputo foi uma versão adaptada do questionário do

IMAGES originalmente concebido pelo Promundo e pelo Centro Internacional de Pesquisa sobre as Mulheres (International Center for Research on Women-ICRW) e parceiros. A equipa de pesquisa do IMAGES convidou peritos em Moçambique para discutir a concepção do estudo e a adaptação da pesquisa ao contexto local. A versão moçambicana foi desenvolvida em conjunto com consultores locais que possuem uma larga experiência de trabalho directamente nesses bairros. A versão foi revista de modo a incluir questões específicas ao contexto actual das pessoas que vivem em Maputo e Matola; a título de exemplo, o questionário incluiu um número maior de itens sobre a exposição à violência urbana, alguns dos quais previamente testados no Brasil pelo Promundo. O questionário foi traduzido para o português e xichangana⁴ e previamente testado na cidade de Maputo. A equipa de pesquisa do IMAGES ofereceu formação a um total de 60 entrevistadores locais em matéria de aplicação do inquérito, bem como em procedimentos éticos. As entrevistas duravam aproximadamente 45 minutos e foram realizadas em papel. Uma equipa constituída por oito líderes de equipa locais e quatro supervisores monitorizou a implementação no terreno.

⁴ De acordo com o INE (2007), o português é a língua que é mais frequentemente falada em casa (55,2%), seguida pelo Xichangana (31,4%) e Xironga (8,4%).

A pesquisa qualitativa foi realizada em duas fases: uma primeira ronda em 2014 e uma segunda em 2015. A primeira ronda explorou tópicos relacionados com as percepções de masculinidade, relações de género e experiências de violência baseada no género entre jovens e antigos combatentes. A segunda ronda explorou de forma mais aprofundada tópicos que surgiram na primeira ronda, nomeadamente o papel das práticas religiosas tradicionais e dos espíritos dos antepassados na recuperação e compreensão da violência de parceiros íntimos para indivíduos que foram vítimas de múltiplas formas de violência. A pesquisa qualitativa também procurou compreender os vínculos existentes entre o sentido de marginalização e a criminalidade dos jovens do sexo masculino. Cinco pesquisadores realizaram as duas rondas de discussões de grupos focais, bem como entrevistas individuais.

2.3 Considerações Éticas

Todos os procedimentos éticos apropriados, incluindo aspectos relacionados com a confidencialidade, o consentimento informado, o anonimato e o cuidado a “não prejudicar” foram seguidos nas entrevistas. A colecta de dados também seguiu os procedimentos éticos da OMS referentes à realização de pesquisas sobre a violência de parceiros íntimos, incluindo recomendações específicas para a pesquisa em contextos pós-conflito. A aprovação ética foi obtida através da Comissão de Ética para a Pesquisa em Saúde em Moçambique, do Ministério da Saúde. As considerações éticas incluíram perguntar aos entrevistados no fim da entrevista qual a sua percepção do processo. De um modo geral, os entrevistados reportaram uma experiência positiva de participação na pesquisa: 87 por cento dos homens e 94 por cento das mulheres disseram que a entrevista os fez sentirem-se bem, enquanto menos de 2 por cento dos homens e menos de 1 por cento das mulheres disseram que os fez sentirem-se mal.

2.4 Análise de Dados

O presente relatório centra-se em estatísticas descritivas e análises bivariadas de dados de inquérito, juntamente com resultados qualitativos relevan-

tes sobre os mesmos tópicos. Usando o software estatístico Stata, a equipa de pesquisa do IMAGES gerou tabelas e figuras descritivas e usou testes t e testes χ^2 para testar associações entre variáveis de interesse. Quando são referidas diferenças estatisticamente significativas, estas são ao nível de $p < 0,05$, a menos que indicado de outra forma. Em geral, as respostas “não sabe” ou “não disponível” foram codificadas como em falta e omitidas nas análises subjacentes aos números apresentados nas tabelas.

Os dados qualitativos foram examinados através da análise de quadros do conteúdo. Os resultados da análise de dados qualitativos foram utilizados para complementar e contextualizar os dados quantitativos. A abordagem combinada da pesquisa permitiu uma compreensão holística da dinâmica social e cultural subjacente aos problemas de violência e de género no contexto urbano de Maputo.

2.5 Âmbito e Limitações do Estudo

A principal limitação é que a amostra não é totalmente representativa da população em Maputo. No entanto, uma revisão das conclusões equivalentes da Pesquisa Demográfica e de Saúde de Moçambique 2011 (IDS) sugere que os dados do IMAGES sobre itens para os quais existem perguntas semelhantes mostraram resultados consistentes com o IDS. Além disso, fazer perguntas sobre a sexualidade, as experiências vividas durante as guerras, bem como tópicos que representam comportamentos socialmente “indesejáveis” – nomeadamente violência entre parceiros íntimos (VPI) e violência urbana – representa um grande desafio em Moçambique, como em muitas partes do mundo. Embora a equipa de pesquisa preferisse usar a colecta de dados electrónica manual, tal acabou não sendo possível em Moçambique por uma série de razões. O facto de termos focado nas comunidades mais afectadas pela violência de Maputo e Matola significava que os pesquisadores muitas vezes não podiam regressar aos agregados familiares pela segunda vez e só conseguiam realizar entrevistas durante o dia. Por isso, alguns itens do questionário mostram taxas relativamente elevadas de dados em falta, que reflectem esses desafios.



3. Resultados da Pesquisa

3.1 Características da Amostra

Conforme apresentado na Tabela 3, aproximadamente 30 por cento dos homens e 25 por cento das mulheres tinham idades compreendidas entre os 18 e 25 anos. De uma maneira geral, os homens tinham níveis de escolarização mais elevados: quase o dobro das mulheres não tinham nenhum grau de escolarização e 60 por cento dos homens tinham frequentado o ensino secundário ou superior em comparação com apenas 43 por cento das mulheres. O padrão era consistente com as conclusões do IDS 2011, mostrando que os homens têm um maior nível de escolarização do que as mulheres, embora as taxas de escolaridade na amostra do IMAGES fossem um pouco mais elevadas. Cerca de metade da amostra do IMAGES indicou que estava numa relação de tipo conjugal: 48 por cento dos homens e 56 por cento das mulheres estavam neste momento casados ou a coabitar.

Moçambique possui três formas de casamento legal: casamento civil, religioso e tradicional. Os resultados mostram que 33,8 por cento dos homens e 39,5 por cento das mulheres reportaram que vivem juntos, mas nunca formalizaram a união. Em Moçambique, tal como acontece noutros países, o casamento legal geralmente dá às mulheres mais acesso aos seus direitos legais em caso de violên-

cia conjugal e divórcio, pelo que baixas taxas de casamento legal provavelmente representam uma vulnerabilidade para as mulheres. De uma maneira geral, é difícil obter dados fiáveis sobre o estado civil em Moçambique devido à prevalência de uniões informais. Embora apenas os casamentos “oficiais” ou legais sejam considerados casamentos formais, na prática muitos casais referem-se a si próprios como marido e mulher, independentemente do seu estado civil oficial.

A maioria dos entrevistados reportou alguma afiliação religiosa. Em geral, as mulheres reportaram mais frequentemente pertencer às igrejas evangélicas, enquanto os homens eram mais propensos a reportar que são católicos. Muitas vezes, as igrejas evangélicas estão mais focadas no “controlo dos maus espíritos”, facto que é tipicamente usado como explicação cultural do estado de saúde e bem-estar, incluindo conflitos entre parceiros e famílias – questões que as mulheres têm maior probabilidade de que os homens de discutir e reportar.

Em termos de local de nascimento, 37 por cento das mulheres e 42 por cento dos homens da amostra não nasceram em Maputo, provavelmente refletindo elevadas taxas de migração interna durante a guerra civil e depois dela, bem como a migração económica mais recente.

Tabela 4: Características demográficas da amostra

	Homens		Mulheres	
	n	%	n	%
Idade				
18-24	303	30,1	125	24,9
25-34	237	23,6	133	26,4
35-49	280	27,8	139	27,6
50-65	186	18,5	106	21,1
Residência				
Maputo	713	70,9	296	58,8
Matola	293	29,1	207	41,2
Local de Nascimento				
Maputo Cidade	402	40,0	206	41,0
Maputo Província	177	17,6	113	22,5
Outros sítios/outras províncias	427	42,4	184	36,6
Escolarização				
Nenhuma	45	4,5	41	8,2
Primária	323	32,2	234	46,6
Secundária (incluindo técnica)	531	52,9	205	40,8
Superior à secundária	77	7,7	12	2,4
Outra	27	2,7	10	2,0
Estado Civil				
Casado legalmente e a coabitar	139	14,2	81	16,5
Solteiro, mas a viver com um parceiro	332	33,8	194	39,5
Viúvo	27	2,7	46	9,4
Separado / divorciado	39	4,0	39	7,9
Solteiro, mas tem um parceiro	223	22,7	65	13,2
Solteiro, sem parceiro estável	183	18,6	63	12,8
Nunca teve parceiro	39	4,0	3	0,6
Religião				
Zione (evangélica)	107	10,7	107	21,3
Católica	267	26,6	79	15,7
Evangélica (Pentecostal, Assembleia de Deus)	216	21,5	138	27,4
Outra Protestante	117	11,7	67	13,3
Muçulmana	58	5,8	14	2,8
Religião tradicional	19	1,9	4	0,8
Outra	62	6,2	67	13,3
Sem religião	131	13,0	13	2,6
Mais do que uma religião	27	2,7	14	2,8

3.2 Condições Socioeconómicas, Situação de Emprego e Dinâmica de Género

A renda mensal média dos participantes na pesquisa era superior à das estatísticas nacionais (que incluem as zonas rurais e Maputo), mas os níveis de renda eram ainda baixos em comparação com o custo de vida em Maputo. A renda mensal média dos homens era de US\$ 164 e a das mulheres de US\$ 102. Muitos entrevistados tiveram dificuldade em estimar os seus ganhos mensais devido à irregularidade da sua renda. Mais de 50 por cento dos homens e mulheres com uma renda não a consideraram estável – uma realidade que é um factor de stress considerável para homens, mulheres e famílias. Resultados qualitativos confirmaram que o custo de vida em Maputo significa que quase todos os entrevistados enfrentaram dificuldades económicas consideráveis.

Tanto as mulheres como os homens responderam afirmativamente de forma esmagadora à afirmação: “o homem é a fonte de renda mais importante em casa”. No entanto, 50% dos homens disseram que eles (homens) eram os principais provedores de renda, enquanto apenas 37% das mulheres afirmaram que os homens eram a fonte mais importante de sustento financeiro dos seus agregados familiares.

Menos de dois por cento dos homens reportaram que as suas parceiras eram as principais provedoras de rendimentos nas suas casas, enquanto 23 por cento das mulheres disseram que elas eram as principais provedoras de rendimentos. As conclusões ilustram que homens e mulheres têm diferentes percepções sobre quem é o provedor de rendimentos. Isto pode estar relacionado com a constatação de que os homens pensam que devem ser o (único) provedor, mas na realidade mais mulheres estão a obter rendimentos.

Foram encontradas diferenças de género nas percepções sobre quem é o “principal provedor de rendimentos” noutros países onde o IMAGES foi realizado. Isto sugere um fosso entre a realidade – que o rendimento das mulheres é cada vez mais importante nas famílias – em comparação com um sentimento de perda de identidade ou de status que alguns homens podem ter ao reconhecer que eles não são os únicos ou principais provedores de rendimentos no seu agregado familiar. A maioria das mulheres afirmou que elas sustentam financeiramente os seus maridos e filhos, bem como os membros da família alargada. Como outro indicador da pressão económica dos homens, quase um quarto destes (23,6 por cento) disse que os seus pais eram a principal fonte de rendimentos.

Tabela 5: Emprego e pobreza familiar

	Homens		Mulheres	
	n	%	n	%
Situação de emprego				
Desempregado ou nunca trabalhou	272	27,1	290	57,8
Com emprego informal	342	34,0	141	28,1
Com emprego formal	320	31,8	48	9,6
Aposentado ou outro	71	7,1	23	4,6
Com que frequência alguém do seu agregado familiar fica sem comida por falta de dinheiro?				
Todas as semanas	39	3,9	22	4,4
Todos os meses, mas não todas as semanas	64	6,4	77	15,4
Acontece, mas nem todos os meses	206	20,6	165	33,0
Nunca	691	69,1	236	47,2

Conforme indicado na Tabela 4, os entrevistados do sexo masculino eram aproximadamente duas vezes mais propensos que as mulheres a terem emprego e três vezes mais propensos a terem emprego formal em comparação com as mulheres, embora apenas 32 por cento dos homens tivessem emprego formal. As mulheres indicaram taxas de pobreza mais elevadas nos seus agregados familiares (em termos de escassez de alimentos): 53 por cento das mulheres, em comparação com 31 por cento dos homens reportaram que alguém em sua casa ficou sem comida alguns meses ou mais. Isto pode reflectir as realidades quotidianas das mulheres, que devem estar mais preocupadas com a falta de comida em casa, enquanto é suposto os homens estarem mais preocupados em providenciar rendimentos. Estas condições extremas de emprego resultam numa pressão considerável para as famílias, conforme se pode constatar na Figura 1, e nos dados qualitativos apresentados na Caixa 1.

Mais de 60 por cento dos homens indicam sentir-se stressados ou preocupados por causa dos seus rendimentos precários e mais de 50 por cento dos homens disseram sentir-se envergonhados de enfrentar as suas famílias quando os seus rendimentos são insuficientes. Os relatos das mulheres sobre o trabalho dos seus parceiros do sexo masculino e o seu stress relacionado com a questão dos rendimentos eram semelhantes aos dos homens, com uma excepção: as mulheres eram mais propensas a reportar que os seus parceiros bebiam muito porque não conseguiam satisfazer as necessidades da família (14 por cento reportado por homens versus 24 por cento reportado por mulheres). Isto sugere que os homens podem sentir-se duplamente envergonhados de afirmar que recorrem ao álcool por causa do stress relacionado com o trabalho ou o rendimento.

CAIXA 1

Sem trabalho, Sem Dinheiro, Sem Mulher: Definições de Masculinidade em Maputo

Os homens e as mulheres que participaram nos grupos focais e entrevistas individuais tinham uma visão essencialista de que os homens eram legitimamente chefes de família e mais inteligentes do que as mulheres. Alguns entrevistados invocaram explicações biológicas ou religiosas para justificar estas normas. A maioria dos entrevistados normalizou a divisão segundo a qual os homens devem sustentar financeiramente as famílias e as mulheres cuidam da casa. No entanto, esta percepção não reflectiu a realidade da contribuição financeira das mulheres em muitas famílias, revelada no inquérito, nem na sociedade moçambicana em geral, onde a divisão tem mudado rapidamente. Em termos dos marcadores da masculinidade, homens e mulheres disseram que era essencial ter rendimentos e filhos e os homens mais velhos enfatizaram a importância de ter filhos.

Os entrevistados mais velhos disseram que uma mulher que dá à luz somente a meninas pode ser rejeitada e humilhada pelo marido e pela família. Neste contexto, a infertilidade para as mulheres e para os homens foi vista como uma pressão importante. *“Na nossa cultura, você só conta como homem quando pode se reproduzir”*, disse um homem numa discussão do grupo focal no Bairro Trevo. A infertilidade era considerada um estigma ao ponto de um homem dizer que as pessoas chegavam a recorrer ao irmão para secretamente ter relações sexuais com a sua esposa para gerar uma criança.

Embora a masculinidade e as relações de género fossem largamente definidas em termos tradicionais, houve algumas excepções e relatos de mudança. Uma mulher de um grupo focal do Bairro Trevo observou esta mudança:

“Há homens que já não usam a esposa como escrava e até conseguem partilhar a melhor parte da carne (a moela) e fazer piadas juntos.”

O desemprego era percebido como o problema mais premente entre os homens nas zonas de baixos rendimentos de Maputo e talvez o principal determinante em termos de alcançar uma masculinidade socialmente reconhecida. Os resultados da pesquisa qualitativa confirmaram os dados do questionário. Homens casados reportaram que não conseguiam sustentar as suas famílias e os homens mais jovens e solteiros afirmaram que não podiam “tornar-se homens” porque não tinham condições de pagar o valor do *lobolo* exigido para casar. Diante dessa realidade, alguns jovens procuraram trabalho de curta duração em actividades legais e ilegais, o que também é visto em alguns dos resultados do inquérito em termos de participação dos homens em actividades criminosas.

Os homens disseram em todas as discussões dos grupos focais que tinham perdido a “autoridade” em casa porque as suas esposas já não os respeitavam quando estavam desempregados. Outros homens reportaram rejeição e estigmatização nas suas famílias alargadas. Alguns homens disseram que não conseguem tornar-se líderes comunitários se estiverem desempregados, como, por exemplo, ocupar o cargo de chefe do quarteirão. *“Sinto-me muito envergonhado quando a minha mulher diz que está a sustentar os filhos e o marido ou quando ela me diz: ‘Tu estás a comer à minha custa’”*, disse um homem durante uma discussão em grupo focal com jovens no Bairro Polana Caniço. Outros homens e mulheres explicam como os homens desempregados “se tornam mulheres”. Ficam sentados em casa como um “CD” (o que significa que só come e dorme). *“Nós não somos nada e não temos mais valor para a comunidade”*, disse um homem numa discussão de um grupo focal com jovens no Bairro Trevo.

Também se diz que o desemprego cria tensões e conflitos entre parceiros. As mulheres estavam preocupadas porque os filhos não podiam ir à escola e porque não havia comida suficiente para todos. De acordo com as mulheres entrevistadas, os maridos saíam frequentemente com amigos do sexo masculino que lhes davam bebidas no bar para esquecer as “suas mágoas”. Daí resultaram a desconfiança e o conflito em relação à maneira como os seus escassos rendimentos teriam sido gastos. Várias mulheres acusaram os maridos de gastar o dinheiro com outras mulheres. No entanto, algumas mulheres viram um lado positivo dos maridos desempregados, como explicou uma mulher no grupo de discussão do Bairro Trevo:

“Uma vez que ele já não tem mais dinheiro, é muito gentil comigo e tem menos dinheiro para sair, beber e ter outras mulheres.”

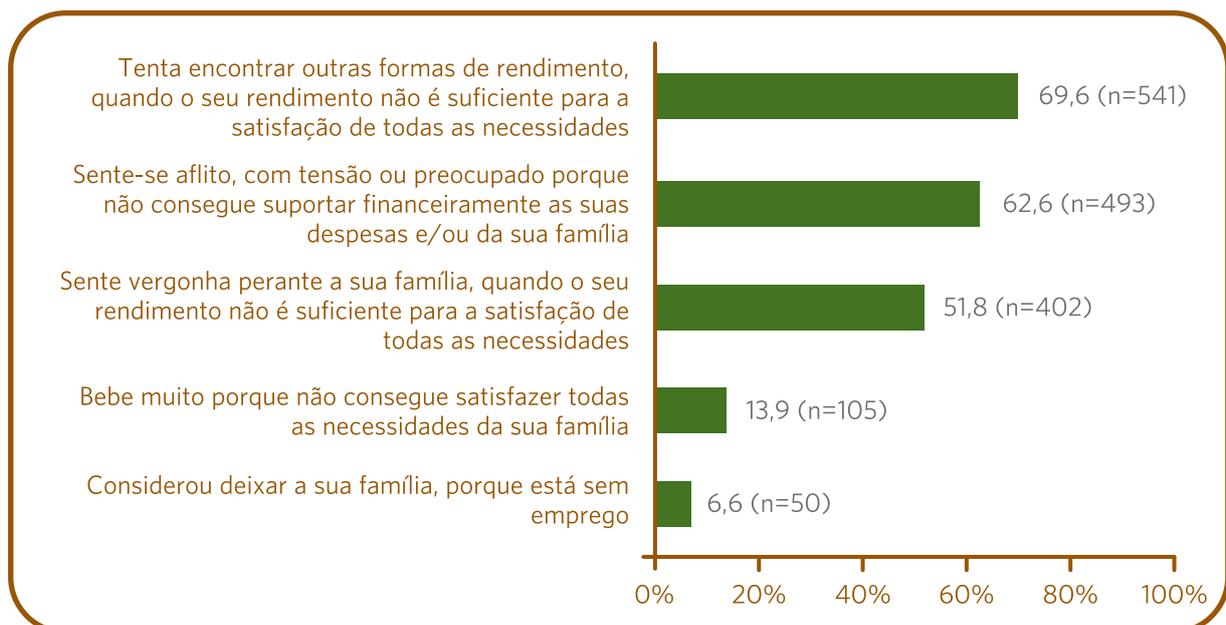
Alguns antigos combatentes disseram que se sentiam particularmente humilhados e frustrados por causa do desemprego. Eles acreditavam que uma vez que lutaram pela liberdade do seu país, essas oportunidades deveriam constituir um direito seu. Outros homens expressaram raiva contra os estrangeiros em relação aos quais tinham a percepção de que tinham tomado os seus empregos e as suas mulheres.

Jovens sem emprego ou escolarização disseram que enfrentam o desafio de não poderem se casar; dizem que não conseguem se aproximar das famílias das suas namoradas para pedir permissão para casar. Um jovem do Bairro T3 perguntou: “Como é que a família dela me vai olhar quando descobrir que eu não tenho emprego?” Outros jovens explicaram que as meninas só querem namorados com um bom nível de escolarização e dinheiro: “As meninas têm menos problemas do que nós, elas escolhem homens com dinheiro e não nos vêem”, disse um jovem no Bairro T3.

Os jovens do sexo masculino desempregados reportaram que, à semelhança dos homens da geração mais velha do que a deles, perdem o seu status no agregado familiar se estiverem fora do mercado de trabalho. Eles podem não conseguir agir como líderes de cerimónias familiares ou na tomada de decisões da família. Acrescentaram que estes papéis esperados ou “legítimos” serão assumidos por irmãos mais novos que têm emprego e rendimentos. Um homem no Bairro da Mafalala descreveu como as suas irmãs já não lhe serviam comida em casa porque ele não tinha contribuído financeiramente e, portanto, era obrigado a preparar a sua própria comida. Estas tendências foram percebidas pelos homens desempregados como sendo emasculadoras, mesmo quando apontam para a mudança das normas sociais que capacitam as mulheres.

A frustração em relação ao desemprego também contribuía para a participação dos homens em actividades ilegais. “Estamos à procura de maneiras de sobreviver e ficamos viciados em drogas e álcool”, disse um dos homens numa entrevista individual. Alguns homens disseram que o dinheiro dá mais valor e status do que a formação académica, aumentando a atracção pelas actividades criminosas, mesmo para os jovens com formação. Os homens e as mulheres mais velhos confirmaram que a situação económica difícil está a levar os seus filhos a migrar para a África do Sul à procura de emprego ou para participar em actividades criminosas e abuso de substâncias.

Figura 1: Percentagem dos homens que reportam stress relacionado com o trabalho e com os rendimentos



Nota: Aproximadamente 20 por cento da amostra reportou que estas perguntas não são aplicáveis a eles.

3.3 Normas e Atitudes de Género, incluindo Práticas Tradicionais, Cultura e Violência Contra as Mulheres

3.3.1 Práticas Culturais e Relações de Género

A influência das tradições socioculturais em Moçambique, incluindo uma forte convicção em relação ao papel dos antepassados e dos espíritos, molda as normas de género, as práticas e a dinâmica das relações de género. Isto é evidente apesar da modernização e da promoção da igualdade de género como norma e, em certa medida, de leis e políticas em Moçambique. Tanto os resultados do inquérito como os resultados qualitativos das discussões dos grupos focais e entrevistas individuais revelam a influência de valores tradicionais, incluindo a percepção sobre o papel dos antepassados, nas percepções actuais do género e das relações de género.

Uma das práticas tradicionais mais fortes que afectam as relações de género em Moçambique é o pagamento do dote, ou *lobolo*, em que o marido paga dinheiro e/ou bens à família da futura esposa. Depois de a esposa ser *lobolada*, ela será totalmente integrada na família do marido que, por sua vez, assume a responsabilidade de cuidar dela e dos filhos que resultarem da união. Aproximadamente 30 por cento dos homens e mulheres em parcerias permanentes praticaram o *lobolo*. Quase todos afirmaram que a prática era importante: sendo vista como conferindo segurança e reconhecimento social ao casamento. Muitos jovens entrevistados nos grupos focais criticaram a inflação do custo do dote; interpretavam-no como inatingível ou desnecessariamente elevado. Apesar desta reclamação, a maior parte dos homens e das mulheres tinha atitudes positivas em relação ao *lobolo*. Entre os entrevistados no âmbito do inquérito, 65 por cento dos homens e 55 por cento das mulheres concordaram que o *lobolo* os tornava mais responsáveis pelas suas esposas e filhos”, enquanto apenas 14 por cento dos homens e 11 por cento das mulheres concordaram que o *lobolo* dava aos homens o direito de fazer o que que quisessem das mulheres.

A poligamia constitui uma outra prática cultural importante em termos de definição das relações de gé-

nero em Moçambique. De acordo com o IDS 2011, a poligamia é essencialmente, praticada nas zonas rurais, mas o IDS revelou também que uma em cada quatro mulheres na cidade de Maputo “não sabe” se o marido tem outra mulher ou não. Esta conclusão sugere a prática generalizada dos homens terem segundas esposas ou parceiras não oficiais, uma prática conhecida como ter a “casa um, casa dois, casa três...”. Na pesquisa qualitativa para o IMAGES, o termo poligamia, tradicionalmente considerado como uma forma aceite de um homem ter várias esposas, também foi usado quando os homens tinham relações sexuais com raparigas e mulheres mais jovens.

Muitos entrevistados, geralmente os homens com mais parceiras informais, vêem a poligamia como comum e normal. De acordo com a maioria dos entrevistados do sexo feminino na pesquisa qualitativa, os homens precisam de uma segunda mulher, e uma “boa” mulher terá paciência para aguentar esta situação. Uma mulher do grupo focal do Bairro Trevo disse que as “boas” mulheres seguem os homens:

“As mulheres são a carruagem atrás da locomotiva, se ela me puxar para eu ir para um lado para ir visitar um familiar dele tenho que lhe seguir e se ele virar para o outro lado, você volta a seguir. Uma mulher de qualidade tem de segui-lo.”

Uma outra mulher disse:

“Um homem não vai descansar em termos das suas necessidades biológicas. Eu sou uma mulher crescida, já não vendo couve, então quem sou eu para impedir o meu marido de ‘tocar a sua viola’?”

As opiniões sobre outras práticas culturais em Moçambique eram mistas. Aproximadamente 30 por cento dos homens reportou ter participado em algum rito de iniciação tradicional (esta pergunta não foi feita às mulheres). Estas cerimónias assinalam a passagem da infância para a idade adulta e muitas vezes incluem um período de tempo em que os jovens são separados das suas famílias e passam tempo no “mato” para aprenderem habilidades de sobrevivência e são treinados para “se tornarem homens.” Outras cerimónias incluem o ensino de normas de género e de família tradicionais, nomeadamente como se relacionar com uma mulher ou com um homem. Embora estes rituais sejam praticados

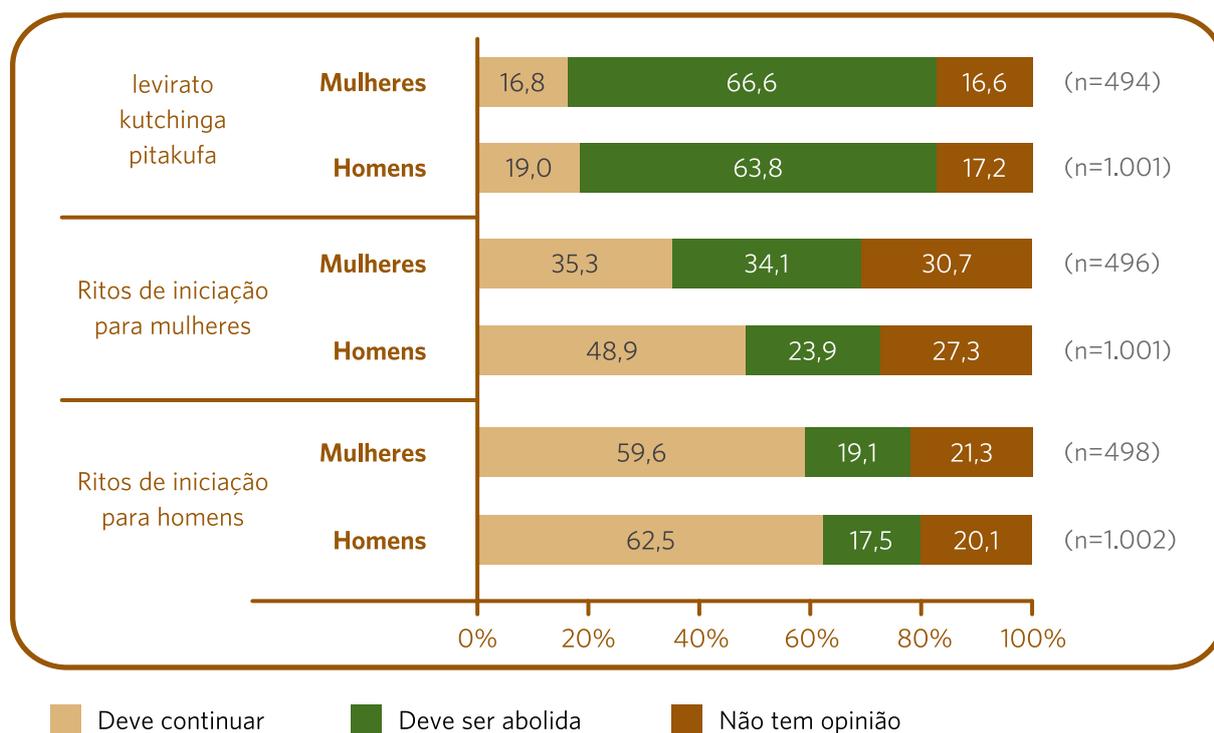
com maior frequência nas zonas rurais de Moçambique, a elevada percentagem de entrevistados provenientes de outras partes do país poderá explicar porque razão muitos homens reportaram ter passado por estas cerimónias. As opiniões acerca das práticas tradicionais são apresentadas na Figura 2.

Também se perguntou aos entrevistados do inquérito qual era a sua opinião sobre a prática do *levirato* (*kutchinga* ou *pitakufa*, em diferentes línguas locais), que se refere à tradição de luto segundo a qual quando um homem morre, outro familiar do sexo masculino toma a sua esposa como sua e mantém relações sexuais com ela. Esta prática destina-se a garantir a protecção social da viúva e dos filhos, uma vez que ela será sustentada pela família do marido. Várias mulheres referem-se a esta prática como sendo uma forma de violência. Embora as respostas

no inquérito mostrem que um número relativamente baixo de homens e mulheres praticaram esta tradição, na pesquisa qualitativa alguns homens referiram-se à importância destas práticas para garantir a linhagem da sua família.

Outras práticas culturais relacionadas com a sexualidade foram abordadas durante o inquérito. Cerca de 10 por cento das mulheres reportaram alguma forma de tratamento vaginal relacionado com o prazer sexual. Estudos realizados no centro e norte de Moçambique mostram que as mulheres usam práticas intravaginais para aumentar o prazer sexual, especialmente para o parceiro. Estas práticas incluem entre outras, o alongamento dos lábios vaginais para fins estéticos e também o bem-estar sexual, aumento do prazer sexual para os homens e as mulheres (Bagnol & Mariano, 2009).

Figura 2: Opiniões de homens e mulheres sobre práticas tradicionais



CAIXA 2

“Maridos da Noite”: Espíritos e Relações de Género em Moçambique

A cultura dos antepassados e a “gestão espiritual” das forças do bem e do mal estão profundamente arraigadas na cultura moçambicana e desempenham um papel importante tanto no controlo dos comportamentos negativos como para ajudar as pessoas a discernir o bem do mal, a saúde da doença e a boa sorte do azar. Apesar de muitos esforços no sentido de abolir esta prática por parte dos missionários, durante a era colonial, e pela FRELIMO, desde a independência, a cultura da crença nos antepassados e da crença nos poderes espirituais continua a servir de recurso importante para muitos moçambicanos em termos de enfrentar problemas, gerir conflitos e explicar a má sorte e os problemas de saúde. A pesquisa qualitativa constatou que praticamente todos os entrevistados acreditam na existência dos espíritos e na necessidade de os controlar ou gerir. Alguns entrevistados afirmaram que os espíritos não existem e no entanto consideram-nos como uma forma de poder social que algumas pessoas podem usar para ter controlo sobre os outros.

Os espíritos eram percebidos em função do género. *“Os maus espíritos afectam essencialmente as mulheres, porque estas são vulneráveis e fracas; elas também são demasiado ambiciosas (elas querem muito) e sofrem de ciúmes,”* afirmou um jovem numa discussão do grupo focal do Bairro T3. Homens e mulheres descrevem os maus espíritos essencialmente como forças negativas que provocam o mau comportamento e afirmaram que estes espíritos residem especialmente nas mulheres. Numa entrevista, um homem explicou como os maus espíritos da sua esposa estiveram na origem do seu próprio mau comportamento: *“Os espíritos da minha mulher guiaram-me até ao bar e forçaram-me a batê-la.”* A mulher pediu-lhe perdão porque ela não tinha controlado os seus maus espíritos. Com efeito, muitos entrevistados referiram-se ou acusaram os maus espíritos no contexto dos conflitos domésticos. Enquanto os homens frequentemente justificam o seu uso de violência contra as mulheres como tendo sido provocada pelos maus espíritos da sua esposa, as mulheres às vezes mostram resistência às exigências ou comportamentos violentos dos maridos, manifestando a sua ira e desacordo através do surgimento de espíritos. A sua ira ou gritaria é explicada como “espíritos que falam” e homens e mulheres mostram certos níveis de respeito por isso.

Os espíritos podem ser usados como justificação para subjugar as mulheres; no entanto, também podem oferecer às mulheres um mínimo de autonomia e controlo diante das relações familiares desiguais. Por exemplo, quando uma mulher se recusa a manter relações sexuais regularmente, tal pode ser explicado pelo facto de um “marido espiritual” a ter possuído. *“Quando chega o momento de ter relações sexuais, a esposa muda de comportamento porque o marido espiritual não me quer ver com ela. A única forma de controlar isto é através da igreja,”* explicou um dos homens que foi entrevistado individualmente. Em várias entrevistas individuais, os homens referiram-se à existência deste marido espiritual como sendo o “marido da noite.”

As conclusões sugerem que, por um lado, a crença nos espíritos serve para estigmatizar e culpar as mulheres por possuírem “maus poderes” e, com efeito, permite que os homens acusem as mulheres de serem a origem do mau comportamento dos homens. Ao mesmo tempo, os espíritos dão

às mulheres algum tipo de poder e de autonomia para lidarem com os maridos. Culpar os maridos pode permitir que as mulheres manifestem a sua ira contra um marido que volte para casa bêbado. O medo que os homens têm dos maus espíritos que residem nas mulheres também confere a estas um certo poder. As mulheres que participavam numa discussão do grupo focal do Bairro Chaman-culo “B” afirmaram que algumas mulheres que são as provedoras financeiras nos seus agregados familiares são vistas como tendo o poder de “*meter os homens na garrafa*” e, deste modo, controlar um homem e pô-lo a fazer o que elas querem.

Os homens, muitas vezes, respeitam estes “espíritos” das mulheres e dizem frequentemente que a melhor forma de controlar os espíritos maus é não andar pelos bares ou respeitar a presença do “marido espiritual” e dar-lhe um dia por semana, respeitando assim o desejo da esposa ou parceira de não ter relações sexuais ou de não ter o homem por ali de vez em quando. Desta forma, as mulheres ganham alguma autonomia em termos de relações sexuais. Seria impossível recusar abertamente as relações sexuais com o marido, mas um homem aceita que o “marido espiritual” possa não querer que o homem (o verdadeiro marido) tenha relações sexuais com ela naquele momento.

A maioria dos homens e mulheres consideram que ir às igrejas Cristãs é a melhor forma de reduzir as consequências negativas dos maus espíritos ou de “gerir” os maus espíritos. As igrejas evangélicas, em particular, dedicam esforços consideráveis a controlar e a “expulsar” os maus espíritos e a oferecer tratamento espiritual aos que se dizem possuídos pelos espíritos.

Estes exemplos ilustram algumas das nuances da crença nos antepassados e espíritos em Moçambique. Embora tais crenças tenham sido sujeitas a tentativas de modernização, elas continuam a prosperar. E se podem ser vistas como negativas, porque muitas vezes reforçam as desigualdades de género, elas também oferecem uma fonte de apoio mental e conferem às mulheres algum meio de autonomia e controlo nas suas relações de casal, ao mesmo tempo que servem de fonte de reflexão para os homens sobre como eles tratam as suas parceiras.

3.3.2 Atitudes Perante a Igualdade de Género: Contestação ou Cooperação?

As atitudes em relação à igualdade de género em Maputo e Matola mostram um misto de justificação e apoio contínuos às normas desiguais, juntamente com atitudes e práticas mais equitativas. Muitos homens mais jovens e mais velhos, assim como muitas mulheres, continuaram a ver o marido / pai como o chefe de família indiscutível que é suposto trabalhar fora de casa e providenciar dinheiro e alimentos, enquanto a esposa deve cuidar dos filhos e da casa. Contudo, não foi esse o caso de muitos entrevistados, que representavam várias realidades devido a mudanças de oportunidade e mudança de normas sociais, por exemplo, quando os dois trabalhavam, ou apenas as mulheres trabalhavam e os homens estavam desempregados.

Durante a discussão dos grupos focais e nas entrevistas, foram observadas mudanças em direcção a uma gestão familiar partilhada, particularmente nos entrevistados mais jovens. Todavia, noutros agregados familiares continuavam lutas pelo poder sobre quem era o verdadeiro chefe de família.

Muitos homens debatiam-se com um sentimento de emasculação e perda de auto-estima, especialmente quando a esposa era a principal provedora financeira. As esposas percebidas como tendo demasiado controlo, por exemplo, na tomada de decisões do agregado familiar, eram consideradas como pessoas que “*falam muito*”. Tal como se assinalou anteriormente, as provedoras financeiras (sexo feminino) dos agregados familiares eram por vezes acusadas de controlar os homens com recurso aos espíritos. No entanto, alguns homens mais

jovens mostraram algumas atitudes equitativas e disseram que homens e mulheres deviam trabalhar e contribuir para os rendimentos domésticos. Para os homens e mulheres mais jovens, a igualdade de género significava dar uma contribuição igual para o rendimento familiar e ser um pouco mais igual em termos de divisão das tarefas domésticas. Porém, mesmo nestas famílias mais equitativas, tanto os homens como as mulheres dos grupos focais de todos os locais concordaram que “o homem continuará a ser o homem e líder natural.”

Dados dos inquéritos ecoaram este sentimento de atitudes em fluxo. Foram feitas várias perguntas relacionadas com as atitudes de género numa variedade de domínios (por exemplo, funções de género, violência, sexualidade e saúde reprodutiva) adaptadas da Escala Homens Equitativos de Género (Gender-Equitable Men – GEM), que foi validada e amplamente usada em mais de 20 países. A Tabela 5 mostra a proporção de homens e mulheres que concordaram ou concordaram parcialmente com os itens individuais contidos na escala.

Tabela 6: Atitudes de género de homens e mulheres (Escala GEM)

(Porcentagem concorda ou concorda parcialmente)

	Homens		Mulheres	
	n	%	n	%
Papéis no agregado familiar				
O papel mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar	543	54,1	296	59,1
Mudar fraldas, dar banho e dar de comer às crianças é responsabilidade da mãe	281	28,0	200	40,2
Um homem deve ter a última palavra sobre as decisões no lar	511	50,9	227	45,5
Uma mulher que trabalhe fora de casa está a negligenciar o seu papel de esposa e mãe	132	13,2	65	13,1
Violência				
Uma mulher deve tolerar a violência para manter a família unida	127	12,8	92	18,7
Há alturas em que uma mulher merece ser espancada	402	40,1	64	12,9
Sexualidade e saúde reprodutiva				
Os homens precisam de sexo mais do que as mulheres	355	36,0	274	56,1
Os homens não falam sobre o sexo, praticam-no	281	28,4	236	48,4
Os homens estão sempre prontos para ter relações sexuais	296	29,7	236	48,5
É responsabilidade da mulher evitar engravidar	292	29,2	264	53,0
Um homem deve sentir-se embaraçado se não conseguir uma erecção	610	61,6	215	43,7

Os resultados revelam uma mistura complexa de pontos de vista equitativos e desiguais. A maioria dos homens e mulheres (54 por cento e 59 por cento, respectivamente) concordaram que o papel mais importante de uma mulher é cuidar da sua casa e cozinhar. No entanto, parece haver pouca resistência em relação às mulheres trabalharem fora de casa: apenas 13 por cento dos homens e das mulheres concordaram que uma mulher que trabalha fora do lar está a negligenciar o seu papel como esposa e mãe. Homens e mulheres com níveis de escolarização mais elevados ou com emprego formal tinham atitudes mais equitativas. As mulheres mais jovens (mas não consistentemente os homens mais jovens) também mostraram atitudes mais equitativas do que as mulheres mais velhas.

Estes dados qualitativos dão uma perspectiva ainda maior sobre o que os entrevistados consideram ser igualdade de género: em vez de valorizar a igualdade em si, a maioria dos entrevistados procura solidariedade e colaboração, ao mesmo tempo que continua a ver os homens como quem deve ter a última palavra. Por outras palavras, a colaboração é normalmente valorizada em relação à contestação de quem está no comando. Foram dados muitos exemplos em que as mulheres eram iguais provedoras no agregado familiar. Muitas vezes elas estão

envolvidas na venda de rua, cultivam a sua machamba (pequena horta), realizam a maior parte do trabalho doméstico não remunerado e ainda continuam a considerar os maridos como principal provedor. A impressão geral que surge é que os maridos e as esposas devem ajudar-se uns aos outros, mas que cada um mantenha a sua função de género tradicional.

3.3.3 Atitudes Perante o Uso de Violência Contra as Mulheres pelos Homens

Tal como acontece com os pontos de vista sobre a igualdade de género, as opiniões sobre a violência baseada no género, especificamente a violência contra as mulheres, são também complexas. Embora um número relativamente reduzido de homens tenha concordado que uma mulher devia tolerar a violência para manter a família unida (13 por cento), um número muito maior concordou que há alturas em que uma mulher merece ser espancada (40 por cento). Nos resultados qualitativos, muitos homens e mulheres não consideram o uso de violência contra as esposas como violência em si. Pelo contrário, consideraram como "punição" ou "educação." Além disso, a forte influência percebida do mundo dos antepassados e espiritual na gestão dos conflitos

Figura 3: Atitudes dos homens e mulheres perante as leis VCM

(Percentagem concorda plenamente vs. concorda parcialmente, não concorda ou não tem opinião)

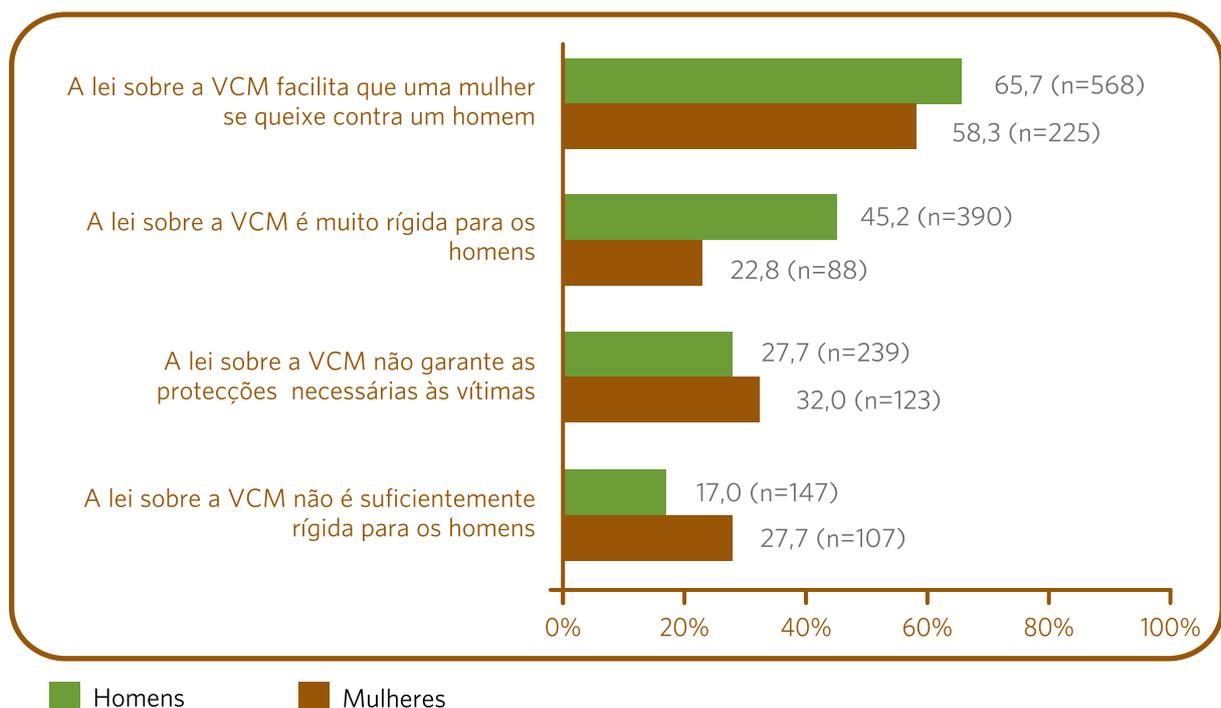
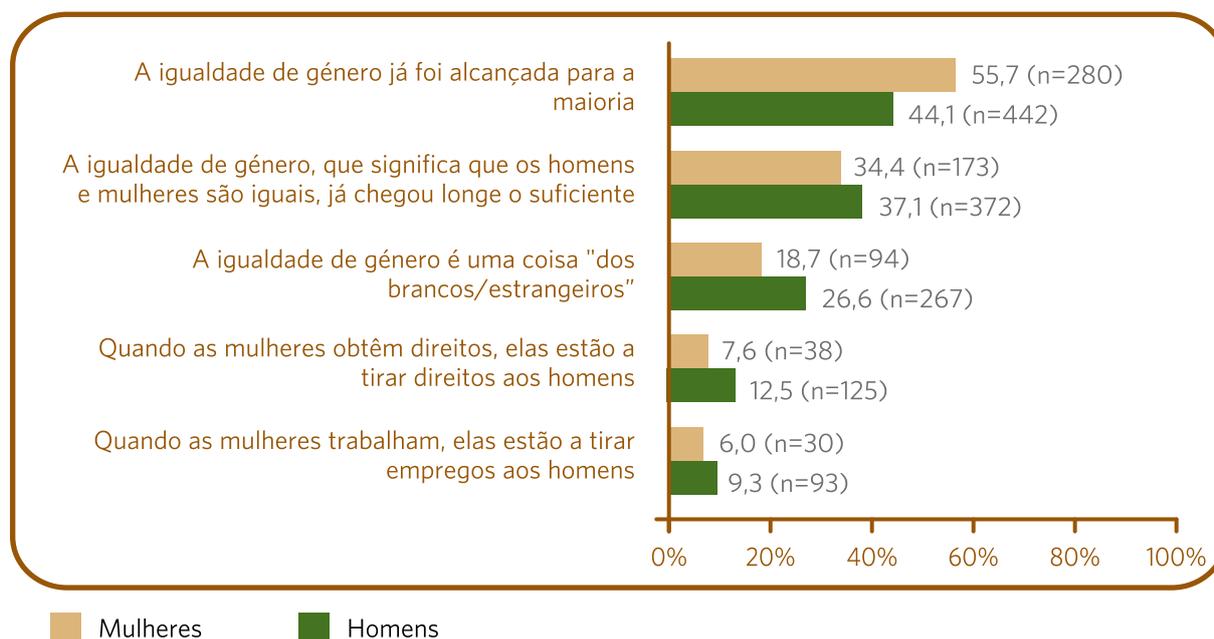


Figura 4: Igualdade de género como soma nula: Os ganhos das mulheres são as perdas dos homens?

(Percentagem que concorda ou concorda em parte)



entre parceiros não seria considerada como violência, mas sim como controlo por maus espíritos.

A ambiguidade e a aceitação da violência contra as mulheres surgem também nas atitudes dos homens perante as leis relacionadas com a violência contra as mulheres (VCM) vigentes em Moçambique. Tal como se pode ver na Figura 3, de uma maneira geral, as mulheres apoiam tais leis, enquanto os homens entendem que estas são mais rígidas ou duras do que as mulheres.

Também se colocou aos entrevistados uma série de perguntas sobre se consideram a igualdade de género como uma questão de soma nula, em que os ganhos das mulheres são as perdas dos homens (Figura 4). Embora um número relativamente reduzido de homens e mulheres fosse da opinião de que os direitos das mulheres retiram direitos dos homens, mais de um terço, uma parte significativa, afirmou que já chegou suficientemente longe. Uma parte ainda maior (56 por cento das mulheres e 44 por cento dos homens) afirmou que a igualdade de género já foi alcançada. Mais uma vez, estes resultados podem ser entendidos como sugerindo vários pontos de vista: homens e mulheres não percebem necessariamente a igualdade de género como uma necessidade urgente; interiorizaram ou aceitaram

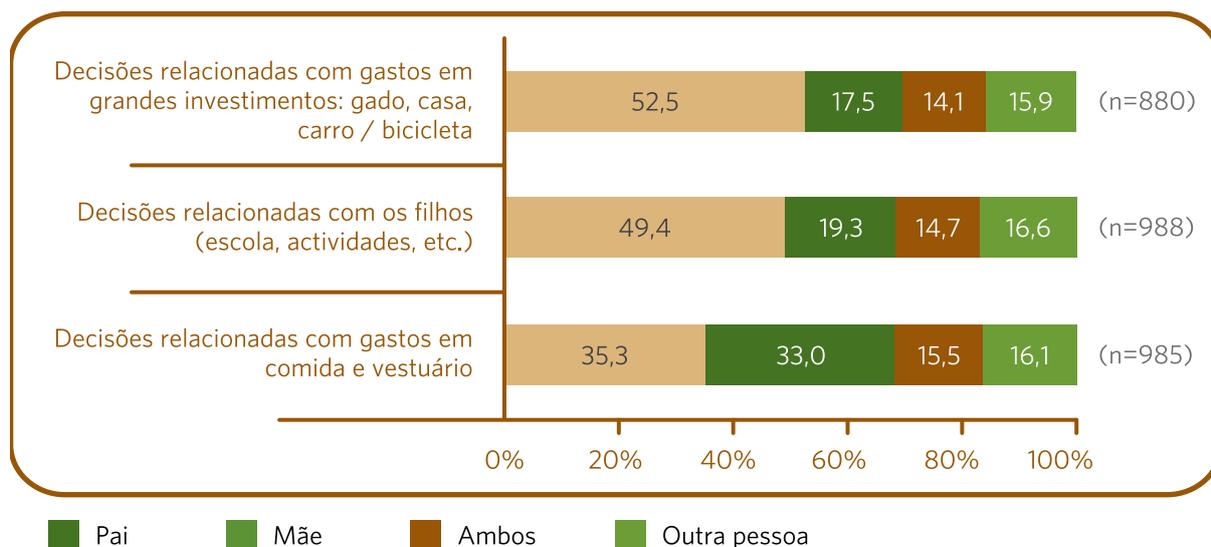
como normal várias formas de desigualdade de género; e/ou consideram a igualdade de género como algo que diz respeito à solidariedade e cooperação, e não à igualdade objectiva.

3.4 Dinâmica de Género em Casa

3.4.1 Dinâmica de Género na Casa de sua Infância

A maioria dos homens entrevistados foi criada em agregados familiares com padrões bastante tradicionais de tomada de decisões, normas que frequentemente levavam consigo para os seus lares adultos. Como se apresenta na Figura 5, a maioria dos homens reportou que os seus pais (homens) eram os principais responsáveis pela tomada de decisões da família no que diz respeito a gastar em grandes investimentos, decisões relacionadas com os filhos e até mesmo gastar em alimentos e roupas (embora apenas ligeiramente superior às mães). Apenas cerca de 15% indicaram que os seus pais tomaram essas decisões em conjunto. Quanto ao envolvimento dos homens na vida doméstica, 57% dos homens reportaram que o pai participava em uma ou mais tarefas domésticas.

Figura 5: Relatos dos homens sobre quem tomava as decisões na casa de infância



Nota: n representa todas as respostas válidas. As percentagens podem não totalizar 100 devido ao arredondamento.

3.4.2 Dinâmica de Género na Casa Actual

Aproximadamente metade (48 por cento dos homens e 56 por cento das mulheres) reportou que estavam casados ou coabitavam, descrevendo relacionamentos que poderiam ser caracterizados como “desiguais” em termos de recursos. Cerca de 70 por cento dos homens ganhava mais do que a sua parceira e quase 60 por cento tinham um nível de escolarização mais elevado. Em 60 por cento dos casais, os homens eram pelo menos 5 anos mais velhos do que a sua parceira.

A Figura 6 apresenta relatos de homens e mulheres sobre a tomada de decisões no agregado familiar numa variedade de áreas, por exemplo, quando procurar cuidados de saúde para as mulheres e os filhos, como passar o tempo e como gastar dinheiro em itens grandes e pequenos. Em quase todos os temas, a maior proporção dos entrevistados disse que as decisões foram tomadas por ambos os parceiros. Os homens eram mais propensos do que as mulheres a reportar uma tomada de decisões conjunta. As mulheres eram mais propensas do que os homens a dizer que elas é que tomavam as decisões. Por outro lado, as mulheres disseram que os homens tomaram decisões sobre aspectos importantes da vida das mulheres: 20% das mulheres reportaram que o seu parceiro tomou a decisão sobre quando e se as mulheres deviam receber serviços de saúde (12% dos homens também afirmaram que eles, como homens, tomaram esta decisão) e 40 por cen-

to das mulheres disseram que o seu parceiro tomou a decisão sobre se poderiam trabalhar fora de casa.

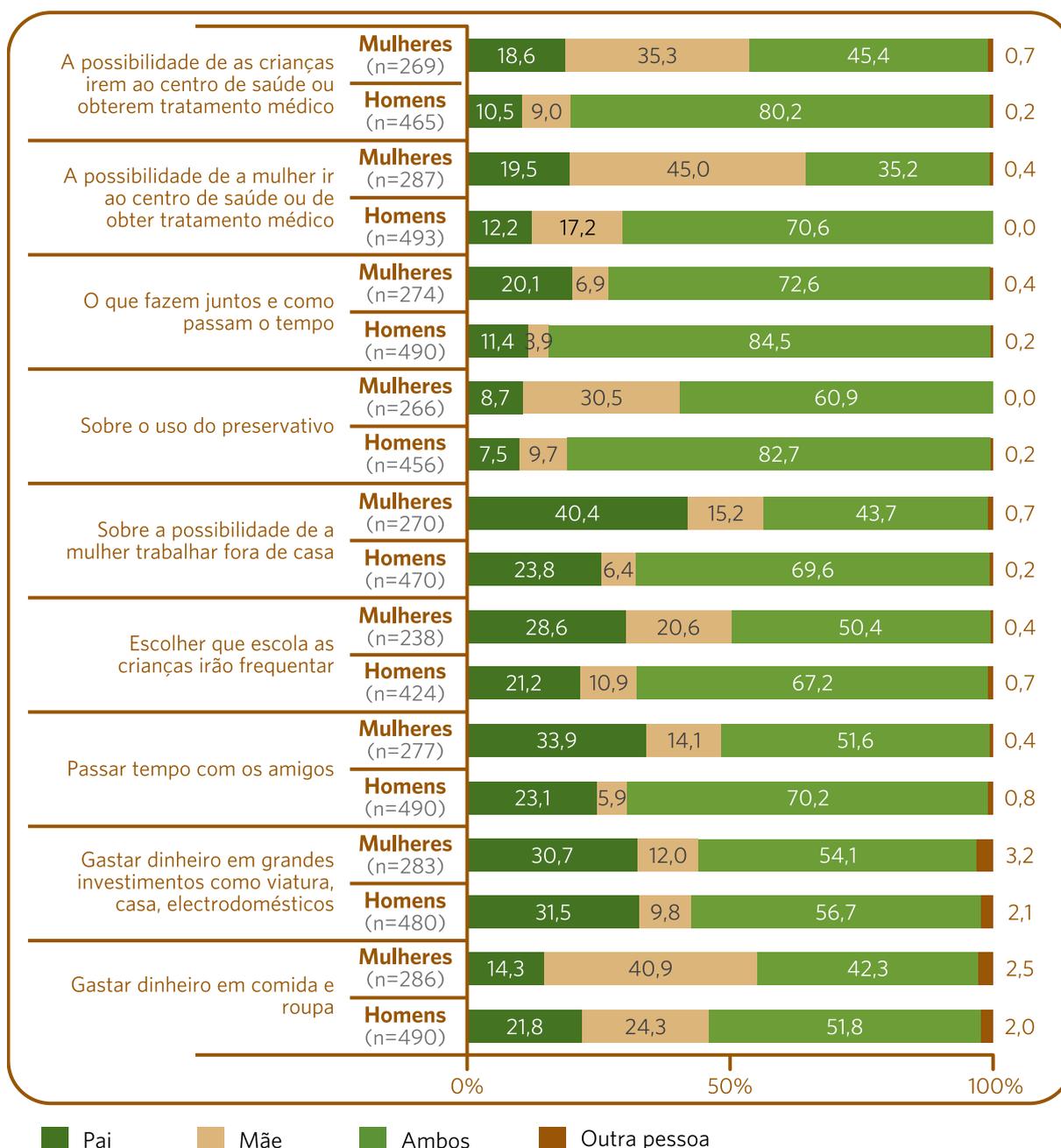
As opiniões divergiram sobre quanto é que os homens contribuía nas tarefas do lar e no trabalho doméstico: 15 por cento das mulheres em comparação com 42 por cento dos homens revelaram que o homem participava em pé de igualdade ou mais frequentemente em uma ou mais tarefas domésticas. Do mesmo modo, 48 por cento dos homens afirmaram que participavam no cuidado diário dos seus filhos, embora apenas 8 por cento das mulheres tenham dito que era verdade. Não obstante, quase todos os homens (93 por cento) e mulheres (87 por cento) indicaram que estavam satisfeitos com a divisão das tarefas domésticas, sugerindo que as mulheres tinham interiorizado em grande medida esta divisão desigual ou simplesmente não esperavam que os homens fizessem mais. Os homens com atitudes mais equitativas (de acordo com a Escala GEM) eram mais susceptíveis de participar em pé de igualdade nas tarefas domésticas e no cuidado diário dos filhos.

A partilha de algumas tarefas domésticas é aceite, tais como cozinhar e limpar, com os homens a realizar pelo menos algumas destas tarefas. No entanto, as respostas qualitativas sugeriam que ainda era relativamente raro os homens realizarem tais tarefas, e apenas em circunstâncias especiais. Os homens mais velhos afirmaram que só podiam fazer “trabalho das mulheres” quando a esposa está doente. Os

homens mais jovens apoiavam a divisão do trabalho doméstico quando os dois parceiros trabalham fora de casa. A tendência era que os homens fizessem actividades mais “educativas” e de cuidados, tais como brincar com os filhos e ajudá-los nos trabalhos para casa, enquanto as mulheres faziam a maior parte do trabalho doméstico e de prestação de cuidados práticos. Além disso, tanto os homens como as mulheres afirmaram que estas nunca deviam exigir que os homens realizassem tais tarefas;

eles devem fazê-lo por sua própria vontade. Vários homens mais velhos e mais jovens afirmaram que não têm nenhum problema em ajudar “as suas esposas”, mas consideram isto como um acto de generosidade (e humildade) da sua parte, não uma questão de obrigações iguais. Mais uma vez, isto sugere que homens e mulheres consideram cada vez mais a igualdade de género como uma questão de solidariedade; a divisão voluntária das tarefas ocorre dentro das posições tradicionais de poder e dos papéis de género tradicionais.

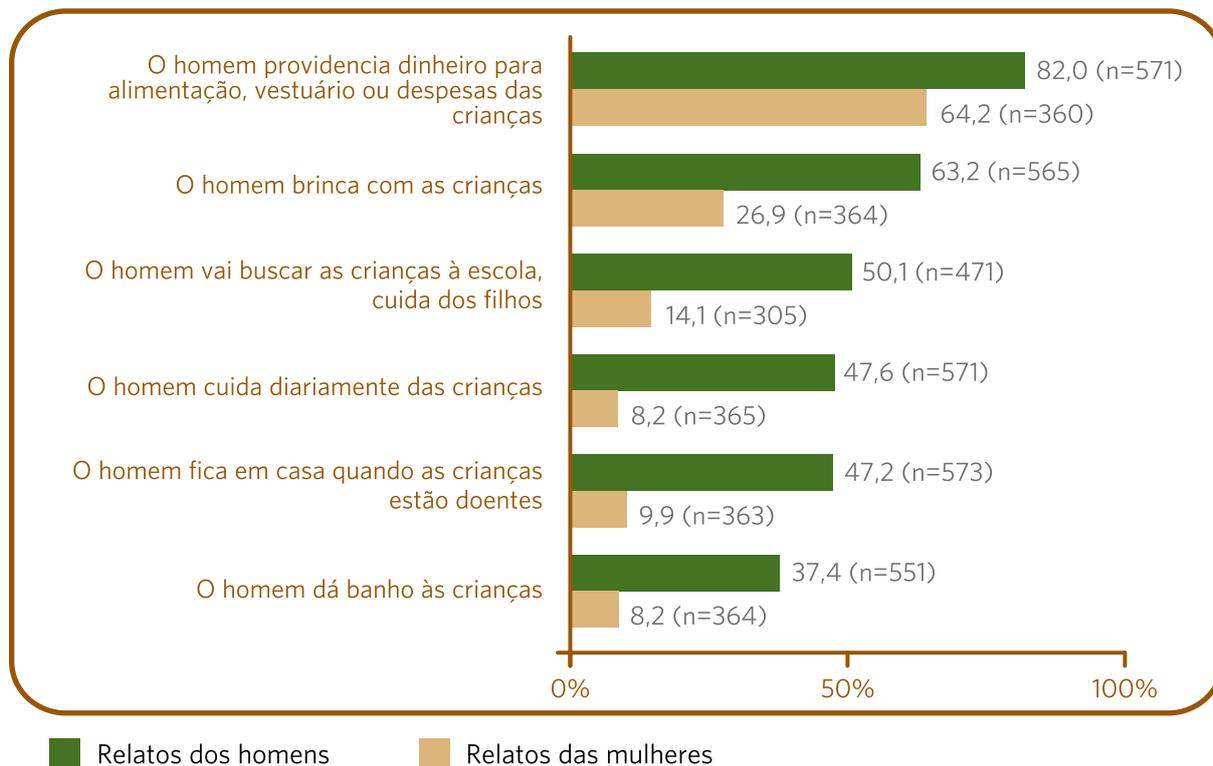
Figura 6: Relatos sobre quem toma decisões no agregado familiar



Nota: n representa todas as respostas válidas. As percentagens podem não totalizar 100 devido ao arredondamento.

Figura 7: Relatos de homens e mulheres sobre a participação dos homens nos cuidados dos filhos

(Porcentagem relatando que o homem sempre ou geralmente fez essa tarefa, ou que ela foi feita em conjunto)



3.5 Participação dos Homens nos Cuidados, no Parto e como Pais

Tal como a Figura 7 indica, nos dados do inquérito, as mulheres reportaram consistentemente que os homens estavam menos envolvidos na criação dos filhos do que o que eles diziam, embora na generalidade concordassem quanto aos tipos de envolvimento dos homens na vida dos seus filhos: principalmente providenciar dinheiro ou recursos e brincar com os filhos. Na pesquisa qualitativa, os homens e mulheres mais jovens também destacaram a importância do pai em brincar com os filhos, dar amor e criar os filhos de uma forma aberta e não violenta. Um jovem de um grupo focal na discussão tida no Bairro T3 registou uma diferença geracional:

“A nossa geração mudou: somos mais amigos dos nossos filhos e esposas, as nossas mulheres já não são tratadas como escravas e não estão a fazer as tarefas domésticas sozinhas, tal como acontecia antigamente. O homem também pode ajudar durante o fim-de-semana a cozinhar e a limpar a casa. Ele tem de ser presente como um pai”.

Estas conclusões sugerem uma tendência em di-

recção à mudança de percepções entre a geração mais jovem em termos do papel do pai na criação dos filhos.

As mulheres mais velhas sublinharam a importância das relações hierárquicas e de género na educação dos filhos afirmando que os pais devem ser responsáveis, providenciar rendimentos, resolver problemas, definir limites e servir de exemplo para inculcar o respeito nas crianças. Muitos entrevistados, tanto os mais jovens como os mais velhos, afirmaram que os pais que estão ausentes e não assumem este papel tradicional e autoritário na educação dos seus filhos são vistos como passíveis de criar conflitos: *“Os filhos já não ouvem, não respeitam os pais, estão a abandonar a escola e vivem como querem,”* afirmaram as mulheres do grupo focal do Bairro Chaman-culo “B”.

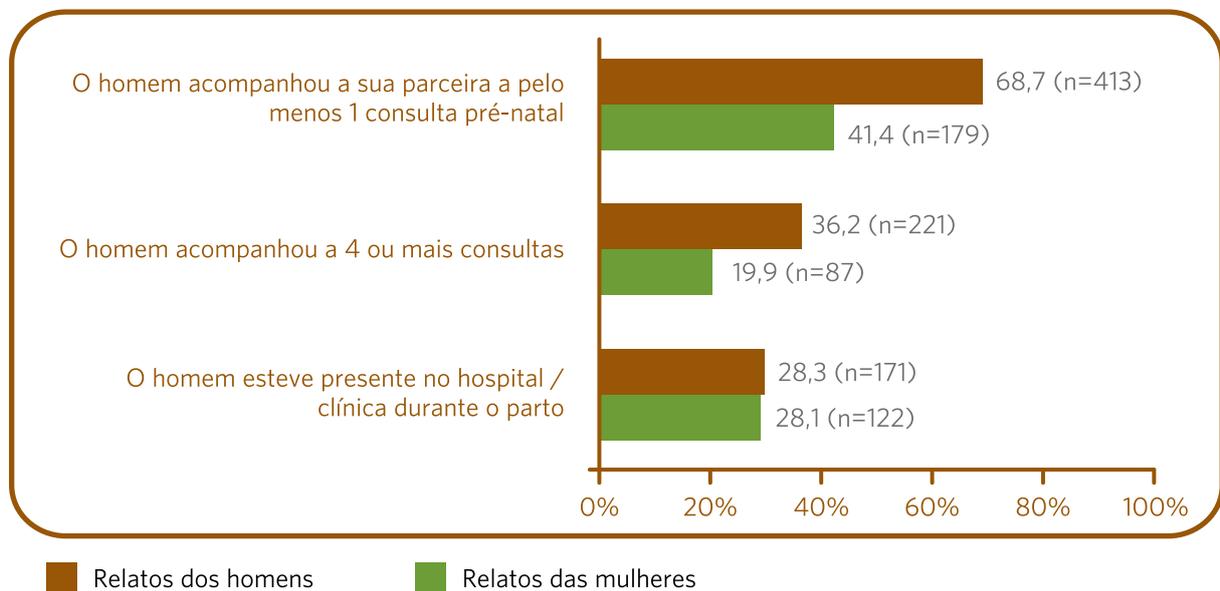
Em Maputo cidade, a maior parte dos partos regista-se nas unidades sanitárias (91,8 por cento) e 5,5 por cento em casa (INE 2011). Os homens reportaram taxas mais elevadas de participação em consultas pré-natais do que as mulheres reportaram em relação aos homens, conforme indicado na Figura 8. Mais de dois terços dos homens (que tinham filhos)

reportaram que acompanharam a sua parceira a pelo menos uma consulta pré-natal e mais de um terço reportou que foi a quatro ou mais consultas. Pelo contrário, os relatos das mulheres eram substancialmente inferiores: 41 por cento e 20 por cento, respectivamente. Tanto os homens como as mulheres indicaram que o trabalho era a razão principal que impedia os homens de ir a mais consultas pré-natais. Aproximadamente 28 por cento dos homens e das mulheres reportaram que o homem estava presente no hospital ou clínica durante o parto (apesar de apenas 2 por cento estivesse efectivamente na sala de partos). Embora os homens tenham sido oficialmente autorizados a estar presentes na sala

de partos nos últimos anos em Moçambique, na prática, isto continua a ser amplamente considerado como tabu. Os profissionais de saúde podem resistir e muitas mulheres não querem que o seu parceiro esteja presente durante o parto.

Por último, apenas cerca de um terço de todos os homens estavam cientes da política de licença de paternidade de Moçambique (que é de um dia, de acordo com a OIT 2014), mas três quartos eram de opinião que esta devia ser garantida por lei. Apenas 16 por cento dos homens tiravam licença aquando do nascimento do seu filho (13,2 por cento eram pagos, 2,6 por cento não eram), essencialmente porque o seu trabalho não permitia.

Figura 8: Relatos sobre a participação dos homens nas consultas pré-natais



3.6 Sexualidade e Saúde Sexual e Reprodutiva

Tal como acontece com as normas de género e a tomada de decisões familiares, os homens e as mulheres de Maputo revelam um misto de atitudes e práticas equitativas relacionadas com a sexualidade, juntamente com pontos de vista tradicionais e repressivos. Todavia, entre as mulheres que usam um método contraceptivo moderno, a maior parte não é casada e vive nas zonas urbanas (IDS, 2011). Isto sugere que as normas culturais tradicionais, os tabus religiosos e as normas de género que desencorajam o uso de contracepção ainda dominam estas práticas entre casais casados.

Além disso, os resultados do IMAGES sugerem que a actividade sexual é uma característica importante da masculinidade: entre 40 e 50 por cento dos homens afirmaram que os homens necessitam de mais relações sexuais do que as mulheres e uma grande proporção afirmou que os homens estão sempre prontos para o sexo e que eles não falam sobre o sexo, apenas o praticam. No que diz respeito à contracepção, 53 por cento das mulheres afirmou que elas são responsáveis por ela, embora apenas um terço dos homens afirmasse que a contracepção é responsabilidade apenas da mulher.

Os resultados do inquérito mostram um misto de preocupação e risco no que concerne à saúde sexual.

Os homens revelaram taxas elevadas de testagem do HIV: 68 por cento dos homens tinham feito o teste do HIV e 49 por cento desses afirmaram que tinham feito o teste no ano passado. Esta conclusão sugere um nível de preocupação e pode reflectir a eficácia dos esforços de prevenção do HIV levados a cabo pelo governo e pela sociedade civil. Pelo contrário, as infecções transmitidas sexualmente (ITS) eram um indicador do risco de saúde sexual: 29 por cento dos homens já teve sintomas de uma ITS ou foram informados por um profissional de saúde ou por um curandeiro que tinham uma ITS.

O enfoque do IMAGES incide essencialmente no relacionamento entre homens e mulheres; sempre que fosse possível do ponto de vista cultural, eram feitas perguntas sobre a diversidade sexual, tanto em termos de experiências sexuais e de relacionamento como de atitudes por parte dos que se definem como heterossexuais em relação a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou intersexuais (LGBTI). Em Moçambique, conforme analisado com organizações parceiras e constatado na pesquisa qualitativa, a homossexualidade é amplamente considerada como anormal e

inaceitável. Tanto os homens como as mulheres – mais jovens e mais velhos – revelaram pouca aceitação de relacionamentos entre indivíduos do mesmo sexo e homossexuais, embora algumas mulheres jovens mostrassem atitudes mais flexíveis. Grande parte da discussão qualitativa centrava-se no facto de os homens homossexuais serem realmente “mulheres” ou se sentiam como as mulheres e se as mulheres homossexuais eram realmente homens ou se sentiam como os homens. Noutras entrevistas qualitativas, os participantes mencionaram que por vezes um jovem podia ter relações sexuais com outro homem por dinheiro, mas que não se tratava de uma questão de ele ser homossexual. É necessário pesquisar muito mais sobre esta matéria em Moçambique.

Os resultados do inquérito confirmaram igualmente a discriminação de pessoas atraídas pelo mesmo sexo: 48 por cento dos homens concordaram plenamente ou em parte com a afirmação: “Eu nunca teria um amigo gay.” Ao mesmo tempo, 54 por cento dos homens era de opinião que deveria haver leis que protegessem os homossexuais da discriminação.

CAIXA 3

Prender o Marido em Casa: Relações Sexuais

Comunicação e diálogo

Os homens e mulheres nas entrevistas qualitativas afirmaram que a existência de boas relações sexuais é importante para um casal. Também destacaram a necessidade de uma boa comunicação, respeito e diálogo. Alguns homens consideraram o quarto como um lugar onde os homens e mulheres se encontram, têm relações sexuais e discutem problemas e mal-entendidos que, de outro modo, poderiam criar conflitos. Disseram que as relações sexuais poderiam tornar-se problemáticas quando não há comunicação e diálogo: “*As questões que não devem ser tratadas no quarto saem da sala e vão para fora,*” afirmou um jovem durante a discussão do grupo focal do Bairro T3. Muitos jovens do sexo masculino indicaram que o sexo não pode resolver outros problemas do casal, pelo contrário, o respeito e a comunicação começam fora do quarto. A maioria das mulheres, nos resultados qualitativos afirmou que as relações sexuais não podem trazer paz para a relação se não houver respeito entre os parceiros fora do quarto.

Cozinhar e boas relações sexuais para prender o marido em casa

As mulheres sublinharam a importância dos “bons” comportamentos das mulheres em relação aos homens: limpar, cozinhar, preparar o banho dele no fim do dia e ter relações sexuais quando ele quiser. “Se tu não souberes cozinhar bem, o teu marido não vai gostar de ti”, afirmou uma mulher na discussão do grupo focal do Chamanculo “B”. As mulheres consideraram estas actividades domésticas como manifestações de amor pelo marido e a maior parte das mulheres concordou que se a pessoa não demonstrar este amor, corria o risco de os maridos procurarem outra mulher ou parceira. Durante as discussões do grupo focal do Chamanculo “B”, as mulheres descreveram as estratégias que usavam para prender os maridos em casa: *“Se marido e mulher não estão a ter uma boa relação e se não houver satisfação sexual, a pessoa terá muitos problemas. Mas se conseguir resolver isto (e dar-lhe satisfação sexual), então a pessoa estará satisfeita também fora do quarto. É assim como Deus criou as coisas,”* disse uma mulher, e nessa altura todas as mulheres começaram a bater palmas e a rir. *“Sim, isto é muito importante”,* uma outra mulher concordou, *“tens que ajudá-lo para ele não fugir: caso contrário, ele vai arranjar outra pessoa que sabe como fazer as coisas e depois ele vai te deixar cair.”*

Normas em mudança no seio da juventude

Os homens e mulheres mais velhos estavam preocupados com o comportamento dos jovens do sexo masculino de Maputo. Criticaram a falta de educação “moral” tradicional e as normas em mudança da geração mais jovem, que atribuem à pobreza e ao desemprego, assim como à “má” influência da TV e da modernização. A falta de educação tradicional através das cerimónias de iniciação também foi apontada como causadora de problemas, de acordo com os entrevistados mais velhos. Através destas cerimónias, os homens e mulheres jovens aprendiam a respeitar os pais e aprendiam sobre normas de género tradicionais de como homens e mulheres devem viver juntos. *“Eles (homens jovens) podem ter mais do que uma rapariga ao mesmo tempo. Engravidada uma rapariga e continua a relacionar-se com outras: o que é que ele vai fazer com todas essas namoradas?”*, perguntou um homem mais velho durante a discussão do grupo focal do Bairro Trevo.

Os homens mais velhos também discutiram as diferenças nas normas entre eles próprios e os homens mais jovens, bem como a mudança nas expectativas. No passado, dizia-se que as mulheres sabiam como ser a autoridade moral para impedir que os maridos se “extraviassem”. Um membro do grupo focal dos antigos combatentes afirmou: *“Quando um homem ‘brincava fora do seu casamento, a esposa devia definir limites. Tivemos mulheres que sabiam como travar o marido, mas hoje em dia as mulheres respondem de maneira diferente. As mulheres também saem de casa e têm casos com outros homens.”*

As mulheres mais velhas afirmaram que os homens mais novos procuram agora relacionamentos com mulheres mais velhas porque estas têm casa e dinheiro. Algumas das mulheres disseram que os homens jovens começavam um relacionamento com estas mulheres mais velhas não porque gostassem delas, mas porque queriam gerir os seus recursos. No grupo focal do Chamanculo “B”, uma mulher partilhou a sua história: *“Os meus filhos casaram-se e saíram de casa e depois fui seduzida por um jovem, que se considerou o Papá da casa. Ele não gosta de mim porque sai com outras pessoas jovens. Ele ainda não sabe que eu já não consigo ‘satisfazer o seu corpo’ (ter relações sexuais com ele). Ele é um ‘falso Papá.’ Ele está à espera que eu morra e então pensa que como a minha família sabe que eu estava com ele, ele vai apoderar-se dos meus bens”,* disse ela. Esta dinâmica sexual em mudança sugere que o poder económico reduzido dos homens relativamente às mulheres, bem como os elevados índices de desemprego e de pobreza, estão a levar alguns jovens do sexo masculino a procurar mulheres por causa do seu dinheiro e bens, uma prática que tem sido histórica e tradicionalmente associada às mulheres jovens.

3.7 Interligação entre Guerra, Violência no Espaço Público e Violência Doméstica

Esta secção apresenta conclusões relacionadas com as várias formas de exposição ou vitimização da violência no lar, violência fora do lar e violência relacionada com o conflito armado. As perguntas colocadas acerca da experiência de violência urbana e violência relacionada com a guerra foram as mesmas para homens e mulheres. Apenas aos homens é que foram feitas perguntas sobre a exposição à violência quando crianças e uso de violência contra parceiros íntimos porque o foco da pesquisa incide sobre as ligações existentes entre as construções de masculinidades violentas e não violentas e violência urbana. Às mulheres foi perguntado se tinham sido vítimas de violência nas suas relações com parceiros, embora se devesse notar que as mulheres também cometam actos de violência contra

os homens e nas relações entre parceiros íntimos, mas em níveis menores e de tipos diferentes (e com implicações de poder diferentes) do que a violência dos homens contra as mulheres (IDS, 2011).

3.7.1 Violência e Trauma em Conflitos Armados

Uma grande percentagem dos participantes da amostra do inquérito foi vítima de ou testemunhou actos de violência durante os longos anos de conflito no passado recente de Moçambique ou viveu outras formas de trauma resultantes das guerras. Quase um em cada cinco inquiridos (homens e mulheres) reportou ter visto alguém a ser assassinado, ter vivido num campo de refugiados ou de deslocados internos e ter visto alguém a ser torturado durante a guerra. Quase uma em cada três pessoas

Tabela 7: Exposição a eventos traumáticos durante a guerra pela independência (1964-1974) e a guerra civil (1977-1992)

	Men		Women	
	n	%	n	%
Tive que abandonar a escola por causa das guerras	142	20,1	55	14,8
Uma ou mais crianças levadas durante as guerras	22	3,1	8	2,2
Deslocado ou tornado refugiado durante uma das guerras	119	16,9	83	22,3
Forçado a abandonar a sua casa durante uma das guerras	194	27,5	101	27,2
Ferido durante uma das guerras	48	6,8	12	3,2
Deficiente por causa das guerras	26	3,7	4	1,1
Perdeu terra ou bens durante as guerras	105	14,9	50	13,4
Perdeu emprego por causa das guerras	33	4,7	7	1,9
Perdeu o cônjuge durante as guerras	16	2,3	5	1,4
*Foi capturado durante as guerras	42	6,0	35	9,4
*Viu alguém a ser torturado durante as guerras	131	18,6	59	15,9
*Foi torturado durante as guerras	55	7,8	28	7,5
*Viu pessoas a serem mortas durante as guerras	147	20,9	62	16,7
*Foi forçado a matar alguém durante as guerras	26	3,7	4	1,1
*Foi forçado a ver alguém a ser estuproado durante as guerras	17	2,4	12	3,2
*Foi forçado a violar uma mulher durante as guerras	8	1,1	NA	NA
*Foi forçado a ter relações sexuais ou violado por um homem durante as guerras	8	1,1	5	1,3

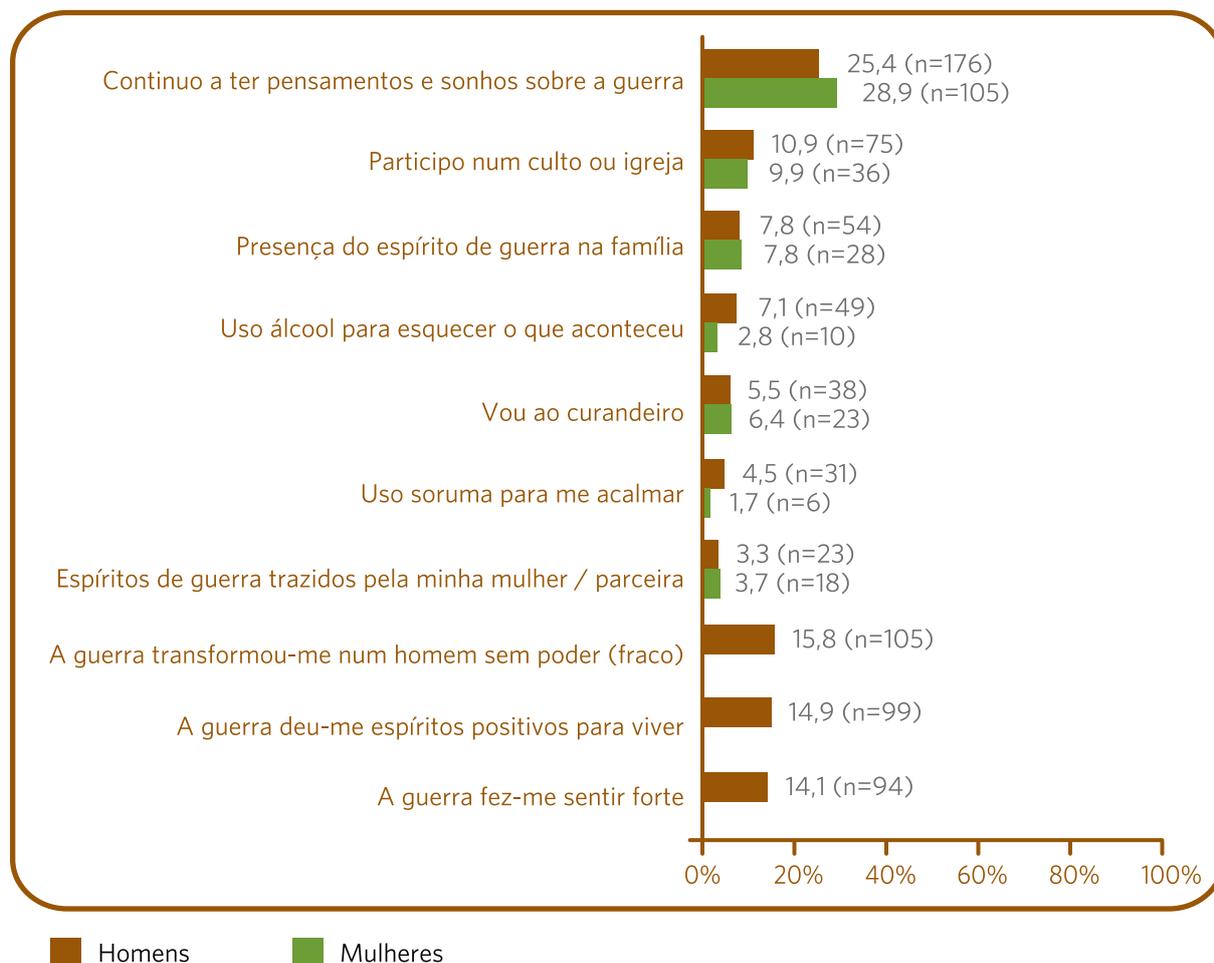
*Experiências de violência extrema durante a guerra, sexual ou física.

foi forçada a abandonar a casa da sua família. Entre os homens, 14 por cento indicaram ter participado na guerra como combatentes e 12 por cento dos homens reportaram ter sido forçados a participar como combatentes, sugerindo que quase todos os homens que participaram foram forçados. No seio das mulheres, cerca de 1 por cento participou como combatente. De uma maneira geral, cerca de um quarto dos homens e das mulheres (26 por cento homens, 24 por cento mulheres) experienciou uma forma de violência física ou sexual extrema durante a guerra (os indicados na Tabela 6 por um asterisco).

Embora reconhecendo que é complexo avaliar o impacto do trauma, o estudo incluiu perguntas sobre as consequências das experiências de guerra na sua vida actual. Vinte e cinco por cento dos homens e 29 por cento das mulheres ainda tinham pensamentos e sonhos relacionados com a guerra, conforme indicado na Figura 9. A presença de espíritos causados pela guerra foi reportada por 8 por cento dos

homens e mulheres; 3 por cento dos homens e mulheres reportam que um “espírito de guerra” possui a própria mulher ou a esposa ou parceira do homem. Tal como foi anteriormente explicado no presente relatório, a crença nos espíritos é comum em Moçambique e diz-se que esses espíritos conseguem criar problemas mentais ou psicossociais graves a nível individual e também se acredita que afectam as famílias e as comunidades. A Figura 9 também mostra as formas como os homens e as mulheres enfrentam os problemas provocados pelos “espíritos da guerra”: cerca de 6 por cento procuraram tratamento junto a um curandeiro e aproximadamente 10 por cento participaram em actividades religiosas para lidar com estes traumas. As igrejas Evangélicas muitas vezes oferecem “tratamento” para os espíritos maus expulsando-os. Além disso, cerca de 7 por cento dos homens reportaram que recorreram ao álcool para esquecer as suas experiências e cerca de 5 por cento afirmaram que usam soruma (canábis) para se esquecerem da guerra.

Figura 9: Consequências psicológicas da guerra



Cerca de 16 por cento dos homens reportaram que a guerra os fez sentir impotentes; contudo, uma proporção semelhante afirmou que a guerra lhes deu a força para continuarem a viver. Tal como foi visto noutros países afectados por conflitos onde o IMAGES foi levado a cabo, ter sobrevivido ao conflito e escapado à morte pode gerar um misto complexo de força, determinação e felicidade, assim como fraqueza e um sentimento de perda.

A análise bivariada mostra que os homens que viveram uma ou mais experiências graves de conflito eram mais propensos a reagir de uma certa forma do que os homens que viveram o conflito mas não sofreram experiências graves. Os homens afectados por acontecimentos traumáticos eram mais susceptíveis de consumir álcool para esquecer, em comparação com outros homens (19,7 por cento vs. 2,6 por cento) e apresentavam uma maior probabilidade de afirmar que a guerra os fez sentirem-se impotentes (25,7 por cento vs. 12,1 por cento). Os homens também eram mais propensos a dizer que a guerra lhes tinha dado força para viver, em comparação com as mulheres (27,6 por cento vs. 9,6 por cento).

Os homens expostos a experiências graves de violência em conflito, tais como violência sexual e/ou física, ou que testemunharam tais actos apresentavam atitudes menos equitativas em termos de género (conforme avaliação da Escala GEM) e eram ligeiramente, mas significativamente, mais propensos a recorrer ao uso da violência física contra um parceiro íntimo (39,6 por cento vs. 29,7 por cento). Contudo, estes homens também são da geração mais antiga, facto que pode explicar as suas atitudes menos equitativas em termos de género. Várias outras associações não eram significativas: os homens afectados por conflitos não demonstravam maior propensão para o uso da violência sexual, nem para participar na violência urbana no último ano, nem de fazer parte de um gang.⁵

3.7.2 Violência na Infância

Os homens reportaram níveis elevados de exposição e experiências de violência em casa, na escola e

no bairro, conforme apresentado na Tabela 8.

Mais de metade dos homens afirmaram que tinham assistido os seus irmãos a serem espancados e 30 por cento testemunharam actos de violência entre os pais. Quase metade reportou situações de ameaça, intimidação ou assédio nas suas escolas e 42 por cento reportaram a existência destes casos nos seus bairros. A violência física, seja em casa ou na escola, era comum, assim como a violência psicológica. Frequentemente os homens reportaram que tinham sido vítimas de violência em mais do que um contexto: 30 por cento reportaram situações de intimidação, tanto na escola como no bairro. Entre os que cresceram em bairros violentos, 71 por cento afirmaram que a escola também era violenta.

As experiências de assédio e a perpetração de assédio sobrepunham-se. Entre os que reportaram que tinham intimidado ou assediado os outros na escola, 84 por cento reportaram que também tinham sido vítimas. Entre os que reportaram que tinham intimidado ou assediado os outros no bairro, 78 por cento reportaram que também tinham sido vítimas. Uma das consequências da violência na infância é a de que os homens que reportaram terem sido vítimas de violência física ou psicológica em casa, quando crianças, que assistiram a mãe a ser espancada ou que foram vítimas de violência física de um professor apresentavam atitudes menos equitativas, conforme medição da pontuação GEM, comparativamente àqueles que não tinham sido vítimas enquanto crianças.

Algumas entrevistadas culpavam as suas mães pela violência doméstica, quando não respeitam os maridos. Os homens também afirmaram que quando eram crianças envolveram-se em conflitos entre os pais (por exemplo, quando a mãe ou o pai os arrastava para o conflito parental). As experiências de violência numa idade precoce estavam associadas à violência posterior, incluindo o uso de violência contra as parceiras por parte dos homens, conforme é indicado pelos resultados do inquérito. Os homens expostos à violência em casa e na comunidade também se envolviam mais frequentemente na violência urbana.

⁵ Quando confirmadas, todas as diferenças e associações são significativas no valor $p < ,05$.

Tabela 8: Experiências de violência na infância por parte do homem

	n	%
Violência na casa de sua infância		
Assistiu o pai a bater a mãe	267	30,1
Assistiu os irmãos a serem espancados em casa	509	53,1
Foi vítima de violência física em casa	461	46,3
Foi vítima de violência psicológica em casa	607	59,7
Foi vítima de violência sexual em casa	121	12,2
Violência na escola		
Na escola registaram-se situações de ameaça, intimidação ou assédio	475	48,9
Eu fui vítima de intimidação ou assédio na escola	337	34,8
Eu intimidei ou assediei os outros na escola	191	19,8
Eu fui vítima de violência física na escola por parte de um professor	554	57,2
Eu e os meus amigos da escola lutámos contra grupos rivais na escola	343	35,4
Violência no bairro		
No meu bairro registaram-se situações de ameaça, intimidação ou assédio	417	42,2
Eu fui vítima de intimidação ou assédio	300	30,2
Eu intimidei ou assediei os outros na escola	158	15,9

3.7.3 Violência Contra Parceiros Íntimos

Tanto os homens como as mulheres reportaram níveis elevados de uso de violência pelos homens contra as suas parceiras, conforme indicado na Figura 10 e Figura 11. Mais de metade dos homens reportaram já terem usado violência psicológica contra uma parceira, um terço reportou ter usado violência física contra uma parceira e um quarto reportou ter

usado violência económica. Quase metade das mulheres afirmou no estudo que tinham sido vítimas de violência psicológica perpetrada por um parceiro, 44 por cento das mulheres reportaram ter sido vítimas de violência física de um parceiro, enquanto 45 por cento afirmaram ter sido vítimas de violência psicológica. O estudo usou diferentes itens para medir a violência para homens e mulheres, pelo que as taxas não são estritamente comparáveis.

Figura 10: Perpetração de violência contra um parceiro íntimo pelos homens, por tipo

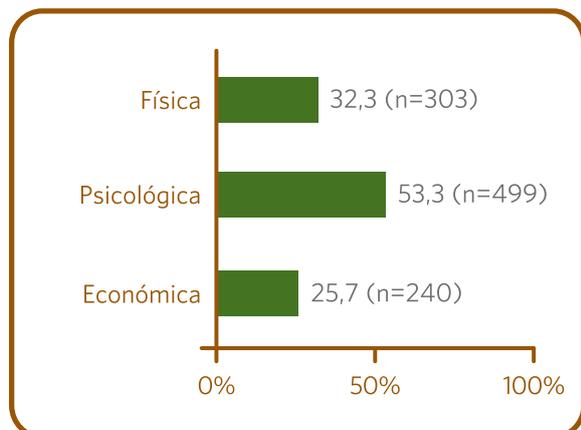
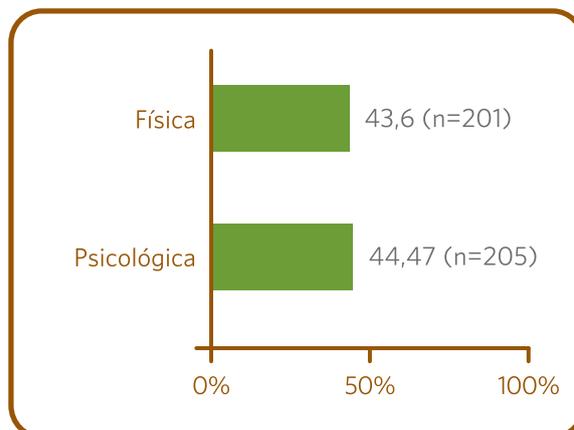


Figura 11: Experiências de violência contra um parceiro íntimo pelas mulheres, por tipo



CAIXA 4

Dinâmica da Violência de Casais

As mulheres e os homens consideraram a violência contra um parceiro íntimo como sendo um **problema** e reportaram consequências **negativas**. A prevalência relativamente elevada de casos de VPI não significa que as mulheres e os homens pensem que seja aceitável, embora a sua elevada prevalência possa sugerir que é normalizada. Nos grupos focais, os homens afirmaram que a VPI tem a sua origem na falta de comunicação e de diálogo entre os parceiros. Outros homens explicaram o problema da violência contra um parceiro íntimo como falta de liderança dos homens em casa: “*Esses homens violentos não sabem como ser ‘um chefe de família’ e como apreciar uma mulher*”, disse um homem num grupo focal de homens no Bairro Trevo. A posição dominante do marido como chefe de família, que se sente “no seu trono” (uma frase usada no grupo focal do Bairro Trevo para mulheres) foi vista como uma causa fundamental de conflito e de uso de violência pelos homens. Para as mulheres, as práticas tradicionais como *kutchinga* (em que a viúva tem relações sexuais com os familiares do marido falecido) também são indicadas como uma forma de violência.

As mulheres afirmaram que a violência contra as mulheres era complicada pelo facto de **a maioria delas depender dos maridos** para a sua sobrevivência financeira e social. Se o marido a rejeitar, ela não terá protecção social dos familiares do marido. Embora existam leis sobre a violência doméstica, muitas mulheres afirmaram que se mostravam relutantes em procurar recurso legal por causa deste receio de rejeição financeira e social. Além disso, muitas mulheres afirmaram que sabem que os seus maridos têm relações sexuais com outras mulheres, sem usar o preservativo, e que elas correm o risco de contrair infecções transmitidas sexualmente, incluindo o HIV, dos seus maridos.

Afirmaram que não podem pedir aos maridos para usar o preservativo; algumas mulheres descreveram este risco de infecção pelo HIV como uma forma de violência contra elas.

Tanto os homens como as mulheres consideraram que o facto de os homens terem **outras parceiras sexuais** (ou a crença de que tem uma outra parceira fora) como uma forma de violência e uma causa de muitos conflitos entre parceiros íntimos. Conforme anteriormente descrito, muitos homens e mulheres pensam que os homens têm outras raparigas ou mulheres como parceiras sexuais e o ciúme e a suspeita constituem uma fonte importante de conflitos.

Homens e mulheres usaram diferentes **estratégias para controlar** o seu parceiro. Os homens recorreram mais frequentemente à violência física, enquanto as mulheres eram mais propensas a usar violência emocional ou psicológica. Nos grupos focais, muitas mulheres discutiram as melhores tácticas para lidar com o problema do ciúme. A maior parte das mulheres mais velhas disse que a melhor abordagem era ficarem caladas (mesmo quando suspeitavam que o marido tinha outra parceira); pelo contrário, as mulheres mais jovens afirmaram que deviam sempre discutir esta questão: *“Se não o fizermos, ele há-de sentir que a mulher não lhe está a impor limites. Se perguntarmos, ele há-de pensar duas vezes antes de nos trair”*, explicou uma mulher jovem no grupo focal do Bairro Polana Caniço “A”.

Os homens jovens afirmaram que **as mulheres provocam a violência** e são responsáveis por empurrar um homem até um ponto em que ele reage com violência. Além disso, argumentam que as mulheres podem não usar violência física; no entanto, podem usar outras formas de abuso, tais como seduzir um homem e depois rejeitá-lo.

A maioria das mulheres afirmou que **os conflitos relacionados com o dinheiro** e salários eram uma fonte frequente de conflito entre parceiros. De forma particular, as mulheres mais velhas explicaram que o marido não quer apresentar nem partilhar o seu salário, alegando que os homens apenas dão uma pequena parte do salário para ser utilizado em casa. Muitas mulheres disseram que este valor muitas vezes não é suficiente, por vezes nem sequer é suficiente para pagar as propinas escolares das crianças. As mulheres suspeitam que os homens guardam dinheiro para depois gastarem em bares e com outras mulheres.

Por outro lado, os homens afirmaram que **tinham razão em não partilhar** todo o seu salário com a mulher, dando-lhes apenas uma parte que mal chega para as despesas do agregado familiar. Os homens afirmaram que ter o seu próprio salário na verdade dá-lhes “poder” como homens. Alguns homens viam os efeitos disto: porque as mulheres estão mais envolvidas na prestação de cuidados aos filhos, os homens constatavam que estes demonstravam mais respeito pela mãe. Os homens jovens defenderam a prática dos homens guardarem o salário para si próprios, mas disseram que seria bem gasto, não com “raparigas na rua e nos bares”, tal como afirmaram num grupo focal com homens no Bairro Trevo.

A maior parte dos homens entrevistados concordou que **a principal função do homem é providenciar rendimentos** para a família e eles afirmaram que se sentem na obrigação de dar alguma coisa à esposa, mesmo quando eles (os maridos) estão desempregados. Também destacaram a necessidade de dividir algum dinheiro com as “namoradas”: *“Eu dou a maior parte do dinheiro à mamã (sua*

esposa) porque ela tem muitas despesas e como dona da casa sabe o que é preciso. Mas também dou dinheiro à minha namorada, cerca de 100-200 meticais por semana, para comprar sabão, cuidar do cabelo para ficar bonita”, afirmou um homem do grupo focal do Bairro Trevo. Os homens jovens sublinharam as nuances destas dinâmicas. Disseram que tinham a obrigação de dar dinheiro às esposas, mas que as namoradas não deviam pedir dinheiro; elas apenas obtêm qualquer coisa quando lhes resta dinheiro.

Por último, ao olhar para a dinâmica da VPI, diz-se que os **espíritos desempenham um papel no surgimento da violência entre casais**. Esses espíritos podem vir dos familiares falecidos, mas também pode acontecer que outras pessoas mandem maus espíritos para o lar, causando várias formas de má sorte, incluindo a VPI. Uma mulher do Chamanculo “A” explicou como um membro da sua igreja trouxe objectos estranhos para a casa dela e que estes tinham afectado seriamente a família, pois 4 membros ficaram “malucos”. O homem que “trouxe” estes espíritos mais tarde admitiu que os maus espíritos tinham vindo dele e pediu à família para lhe dar duas cabeças de gado (uma preciosidade em Moçambique) para poder expulsar os espíritos. A família assim o fez, mas os problemas ainda não estavam resolvidos, e então o homem que trouxe a má sorte pediu vinho e mais tarde queria dinheiro – tudo isto para expulsar os espíritos.

3.7.4 Violência Sexual

Aproximadamente 12 por cento dos homens reportaram já terem forçado uma mulher ou rapariga a ter relações sexuais contra a sua vontade, ou afirmaram que tiveram relações com uma mulher quando ela estava demasiado embriagada para consentir. A Figura 12 apresenta as atitudes dos homens e mulheres em relação à violência sexual. Proporções significativas de homens e mulheres concordaram com mitos de violação que responsabilizam as vítimas pela violação: 40 por cento dos homens e 34 por cento das mulheres concordaram que uma mulher que não se vestisse decentemente estava a pedir para ser violada. E 31 por cento dos homens e 13 por cento das mulheres afirmaram que quando uma mulher era violada, ela tinha feito algo para se colocar nessa situação, ou queria que acontecesse.

De uma maneira geral, os homens eram mais propensos do que as mulheres a concordar com afirmações que sustentavam a violência. Contudo, as mu-

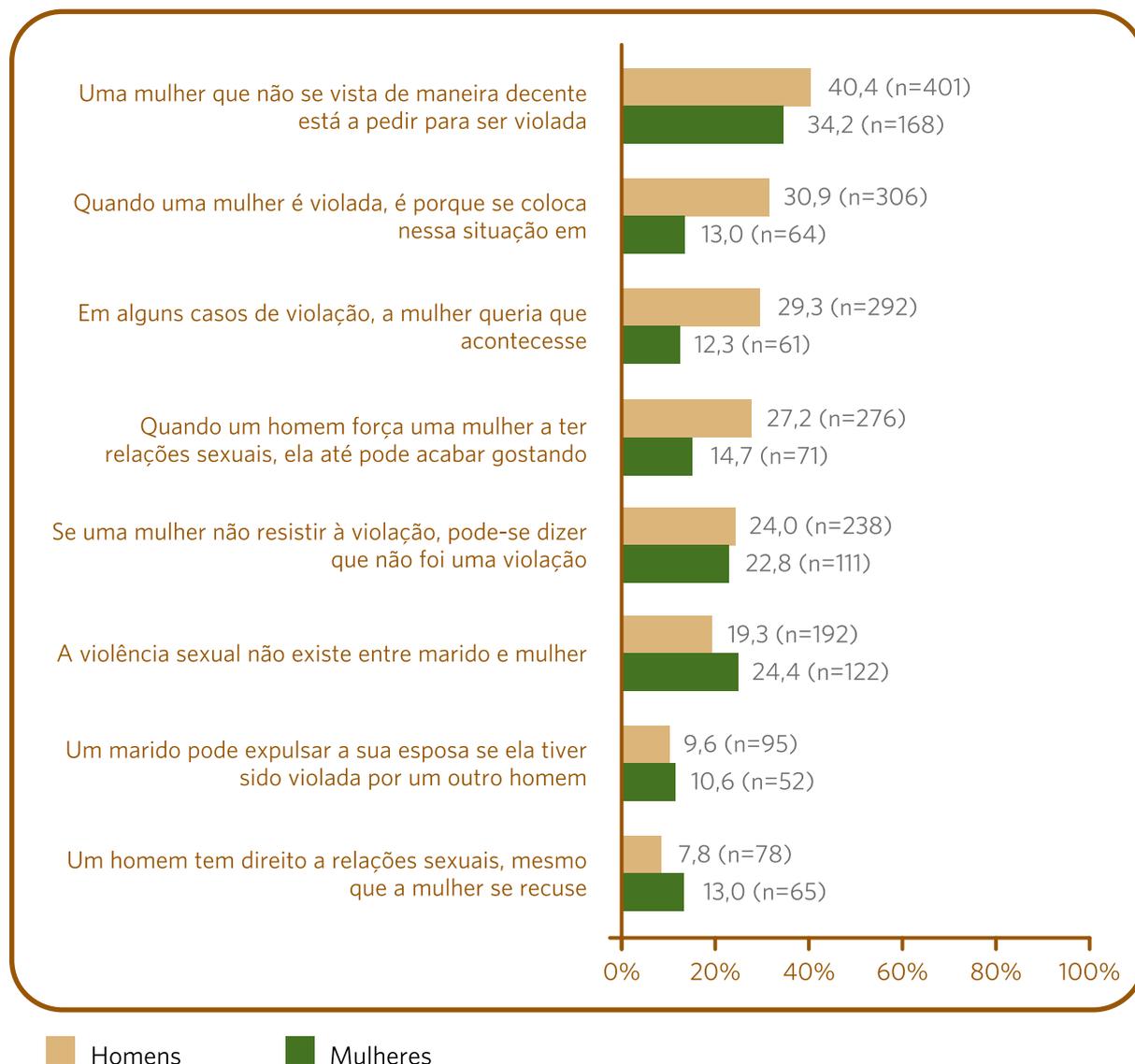
lheres eram de certo modo mais propensas a aceitar a violência sexual dentro do casamento: 24 por cento das mulheres concordaram que a violência sexual não existe entre marido e mulher, comparativamente a 19 por cento dos homens. Estas atitudes de apoio à violência prevalecem, apesar dos elevados níveis de conhecimento das leis relacionadas com a violência: 86 por cento dos homens e 77 por cento das mulheres tinham conhecimento da existência da lei sobre a violência contra as mulheres e 83 por cento dos homens e 79 por cento das mulheres concordaram que um homem que force a sua esposa a praticar relações sexuais está a cometer um crime.

3.7.5 Violência Urbana ou Pública

Foi colocada aos entrevistados uma pergunta sobre a violência em espaços públicos que tenham assistido ou vivido nesses espaços quando adultos ou crianças, assim como violência em público que

Figura 12: Atitudes em relação à violência sexual

(Porcentagem que concorda ou concorda em parte)



eles tenham protagonizado. Os dados, apresentados na Tabela 9, mostram que a exposição a actos de violência na esfera pública é grande, quer antes dos 18 anos, quer durante o ano passado. Apenas no ano passado, mais de metade dos homens e mulheres viram alguém a ser agredido fisicamente na rua e mais de 40 por cento testemunharam ataques perpetrados pela polícia. Cerca de 17 por cento dos homens e 8 por cento das mulheres foram eles(as) próprios agredidos(as) fisicamente. Normalmente as mulheres reportaram baixos índices de exposição

à violência urbana, possivelmente porque é menos provável que elas estejam nesses espaços. Além disso, 4 por cento dos homens reportaram ter participado num gang. Quase nenhum homem ou mulher reportou possuir uma arma de fogo. No total, 80 por cento dos homens reportaram ter assistido a alguma forma de violência urbana / pública, assim como 75 por cento das mulheres. Cerca de 45 por cento dos homens e 29 por cento das mulheres reportaram ter sido vítimas de violência urbana / pública antes dos 18 anos de idade.

Tabela 9: Exposição reportada à violência urbana

	Antes dos 18 anos (Percentagem que reporta algumas ou muitas vezes)				No ano passado (Percentagem que diz sim)			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Testemunhou								
Viu alguém a ser atacado ou roubado à mão armada	198	20,0	73	15,0	152	15,5	51	10,2
Viu alguém a ser tratado com violência pela polícia	502	51,3	150	30,5	389	42,2	123	24,7
Viu alguém a ser agredido ou assaltado na rua	656	66,7	274	56,0	517	56,5	250	50,9
Ouviu ou viu tiros	497	50,6	277	57,2	387	41,7	233	47,3
Viu alguém a ser ameaçado de morte	390	39,5	116	23,8	285	29,8	106	21,3
Viu alguém baleado na rua	160	16,4	45	9,2	91	9,5	35	7,0
<i>Testemunhou pelo menos um caso dos acima mencionados</i>	751	80,0	355	74,9	636	75,4	333	70,7
Foi vítima								
Foi atacado por alguém com arma de fogo	62	6,3	40	8,2	55	5,6	24	4,8
Foi tratado com violência pela polícia	208	21,0	41	8,4	127	13,2	37	7,4
Foi assaltado ou agredido na rua	234	23,7	58	12,0	168	17,4	40	8,0
A sua casa ou local de trabalho foi atingido por tiros	52	5,3	21	4,3	49	5,0	19	3,8
Foi ameaçado de morte	147	14,9	48	9,8	118	12,1	43	8,6
Foi atingido por uma bala	15	1,5	7	1,4	16	1,6	7	1,4
<i>Foi vítima de pelo menos um dos casos acima mencionados</i>	425	44,5	140	29,4	307	33,5	128	25,9

Tabela 9: Continuação

Participou	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Já participou numa luta com uso de arma branca	116	11,7	34	6,9	67	6,9	10	2,0
Envolveu-se numa luta com uso de arma de fogo	27	2,7	7	1,4	29	2,9	2	0,4
Ameaçou matar alguém	62	6,3	16	3,3	51	5,2	15	3,0
Participou na agressão a alguém	87	8,9	21	4,3	42	4,3	19	3,8
<i>Participou em pelo menos um dos casos acima mencionados</i>	198	20,5	57	11,8	123	13,0	37	7,5

3.7.6 Violência Dentro e Fora de Casa: Associações e Trajectórias

Vários estudos (incluindo relatórios IMAGES noutros países) documentaram o ciclo de violência em que os homens que são vítimas de violência na casa em que passaram a infância e noutros espaços são mais susceptíveis de usar violência contra uma par-

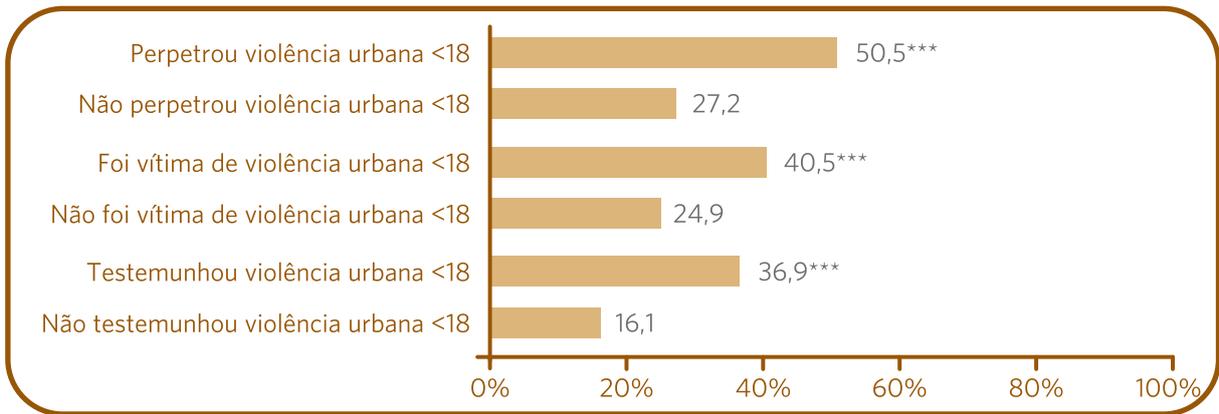
ceira íntima. O presente estudo encontrou padrões semelhantes, conforme indicado na Figura 13. Testemunhar actos de violência entre os pais, ser vítima de violência psicológica em casa e ser vítima de violência na escola são factos que estão significativamente associados à perpetração de violência física contra a parceira íntima.

Figura 13: Relatos pelos homens de perpetração de VPI física, por experiências de violência na infância



Nota: Diferenças estatisticamente significativas em * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$

Figura 14: Relatos pelos homens de perpetração de VPI física, por experiências de violência urbana antes dos 18 anos

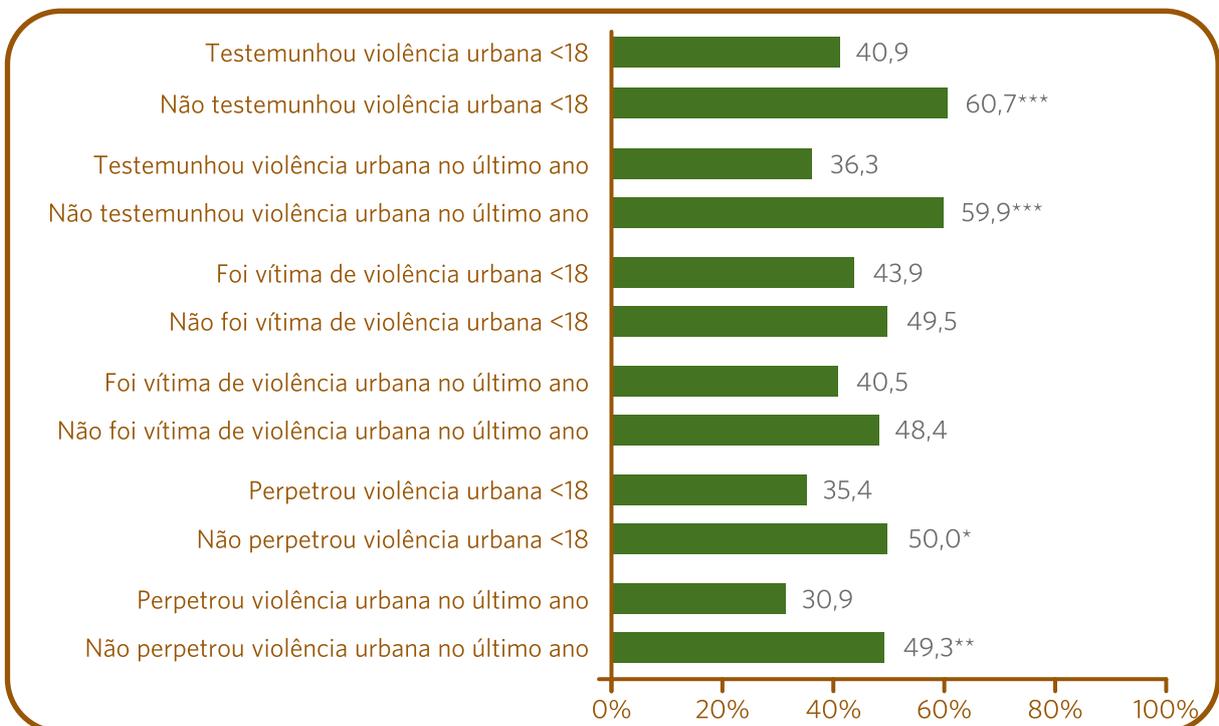


Nota: Diferenças estatisticamente estabelecidas em *p<,05, **p<,01, ***p<,001

A exposição à violência urbana antes dos 18 anos – testemunhar, ser vítima ou participar nela – foi associada à perpetração de violência física contra uma parceira íntima (VPI), conforme indicado na Figura 14. Os homens expostos à violência quando crianças e os homens envolvidos em casos de violência urbana antes dos 18 anos apresentavam uma maior propensão a reportarem ter usado violência contra parceiras. Os nossos dados transversais não nos

permitem concluir se as experiências anteriores de violência na infância levam os homens jovens à violência urbana ou se tal violência é um factor de condições de vida precária e do stress contínuo no lar relacionados com o facto de ter rendimento suficiente ou uma interacção de todos estes factores. Seria necessário realizar mais pesquisas para explorar a relação existente entre as experiências de violência urbana na primeira infância.

Figura 15: Associações entre exposição à violência urbana e cuidados diários das crianças pelos homens



Nota: Diferenças estatisticamente estabelecidas em *p<,05, **p<,01, ***p<,001

Os homens que testemunharam e perpetraram violência urbana antes dos 18 anos e no ano transacto eram menos propensos a estarem envolvidos nos cuidados diários dos seus filhos (a níveis estatisticamente diferentes), conforme apresentado na Figura 15. A causalidade não deve ser atribuída com demasiada facilidade a estas associações. Pode ser que o recurso e a exposição à violência sejam mais elevados nos agregados familiares em que os próprios pais dos homens não estiveram envolvidos nos seus cuidados, por exemplo. Ou pode ser que os homens jovens envolvidos na violência

urbana antes dos 18 anos nunca tenham conseguido abandonar certas cenas de criminalidade e violência. Todavia, pode-se concluir que os ciclos de violência foram afirmados em Moçambique como noutros países em que o IMAGES foi realizado. Além disso, existe pelo menos alguma razão para acreditar que as práticas violentas masculinas são contraditórias com as práticas solidárias de prestação de cuidados. As conclusões sugerem que ser vítima de violência numa tenra idade molda ou contribui para práticas violentas e não carinhosas quando homens adultos.

CAIXA 5

“Para se Ser Homem Tem que se Ter Dinheiro”: Masculinidade, Juventude e Criminalidade

A criminalidade, principalmente a criminalidade praticada por jovens homens, foi identificada como uma grande preocupação, acreditando-se que está directamente relacionada com o desejo de terem relações com mulheres jovens e de alcançarem um sentimento de virilidade, de acordo com as percepções enunciadas na pesquisa qualitativa com homens e mulheres mais velhos, assim como homens e mulheres mais novos. Os homens e mulheres mais velhos reportaram que os seus filhos abusam do álcool e a *soruma* (cannabis local), passam o seu tempo sem fazer nada e muitas vezes tornam-se violentos contra os próprios pais. Uma mulher afirmou que teve de dormir fora de casa depois do filho a ter expulsado quando estava bêbado; ela não sabia se o filho tinha sido enfeitado ou possuído por espíritos. Um homem mais velho do Bairro Machava-Sede disse que o filho deixou três crianças pequenas com os avós enquanto bebia álcool e fumava soruma.

Os entrevistados atribuíam as causas da violência e da criminalidade a vários problemas na sociedade, de certo modo previsíveis. Em primeiro lugar, afirmaram que os jovens não têm trabalho/ emprego e passam fome. Em segundo lugar, a “preguiça” dos jovens foi considerada como uma causa da violência: *“Eles querem emprego, mas não querem trabalhar,”* disse uma mulher numa discussão do grupo focal do Chamanculo “B”. Os homens e mulheres mais velhos afirmaram que os jovens querem uma “vida fácil”—não querem fazer nada e no entanto esperam que os pais lhes comprem roupa bonita e telemóveis. Em terceiro lugar, os entrevistados afirmaram que o abuso do álcool e de drogas constitui um enorme problema e acredita-se que leva os jovens a comportamentos violentos. Em quarto lugar, os entrevistados mencionaram a negligência dos pais e a sua falta de escolarização como outros problemas que levam à violência e criminalidade dos homens jovens.

Os homens e mulheres jovens fizeram a ligação entre a participação dos homens em actividades

criminais e a sua perda de status: *“A criminalidade é uma forma de machismo, mostrar aos outros que é homem. Ele terá mais dinheiro; ele pode matar alguém; isso fá-lo sentir-se mais poderoso e homem”* afirmou uma jovem numa discussão do grupo focal na Polana Caniço “A”.

Os homens mais jovens afirmaram que um homem deve ter poder sobre os homens porque é isto que as mulheres esperam deles. Os homens jovens no grupo focal do T3 concordaram que *“As mulheres gostam dos criminosos porque dão-lhes dinheiro.”* A pressão social e o receio de que poderão não conseguir casar-se ou formar uma relação estável com uma mulher são factores que foram muitas vezes invocados como a causa das actividades criminosas dos homens: *“As mulheres só querem namorados com carro, que lhes possam dar presentes,”* afirmaram vários jovens do sexo masculino.

De uma maneira geral, as mulheres concordaram que um homem precisa de ter algum dinheiro para pagar os produtos de beleza delas porque essa é a única forma de poderem competir com outros homens e mostrar que *“a sua menina”* é a mais bonita. Disseram que isto era importante durante o namoro, mas não tão importante depois de casados. Os homens estavam muito cientes destas expectativas. Embora argumentassem que ter um *“bom carácter”* é mais importante do que ter dinheiro, também afirmaram que não podem ser percebidos como homens adultos e ser pretendidos por mulheres caso não consigam sustentar-se a si próprios e oferecer presentes às namoradas.

Fumar cannabis (*soruma*) era visto como uma forma de os homens terem mais coragem de fazer o que lhes é exigido como homens. Tradicionalmente, a *soruma* era vista como uma *“droga”* do homem ou máscula para lhes dar força para fazer trabalho árduo nos campos, mas agora os jovens dizem que consomem soruma para aumentar a sua capacidade de realizar outras tarefas, como por exemplo passar os exames na escola. Eles descreveram mais frequentemente o uso da soruma como uma forma de provar positivamente que são homens, e não como consolo quando se sentiam frustrados ou quando não conseguiam alcançar este sentimento de masculinidade. Como tal, o uso da soruma era associado a características de masculinidade percebidas como sendo positivas. Todavia, poucos homens afirmaram que o abuso de substâncias faz com que os homens sejam violentos e destemidos de uma forma negativa: *“Eles (os homens jovens que consomem soruma) não têm medo da polícia e fazem o que querem,”* afirmou um jovem durante a discussão do grupo focal no Bairro T3.

3.8 Outras Práticas de Assunção de Riscos: Uso de Substâncias e Sexo Transaccional

3.8.1 Uso de Substâncias

Tal como se pode ver na caixa anterior, o consumo de álcool e de substâncias foi descrito como parte das práticas dos homens e relacionado com a projecção de um sentido de virilidade e para servir de fonte de

consolação quando não conseguiam alcançar um sentimento de masculinidade reconhecida publicamente. Perto de um em cada cinco homens sentiu-se com remorsos ou arrependeu-se de se ter embebedado ou sentiu que tinha feito algo que não devia ter feito em consequência disso, tal como se indica na Tabela 10. Cerca de um em cada cinco homens reportou ter usado algum tipo de violência depois de ter consumido álcool, incluindo o que pode ser considerado como beber *“compulsivo”* ou *“excessivo”*.

Tabela 10: Relatos de homens sobre comportamentos relacionados com o consumo de álcool
(Porcentagem relatando certos comportamentos uma ou mais vezes)

	n	%
No último mês não fez algo que devia ter feito porque estava bêbado?	164	16,4
No último mês sentiu-se culpado ou com remorsos depois de ter bebido?	207	20,6
Lembra-se de uma altura em que tenha bebido e usado violência?	162	16,4

3.8.2 Sexo Transaccional e Relações Sexuais com Trabalhadoras do Sexo

Quase metade dos homens reportou ter dado dinheiro ou presente em troca de relações sexuais, enquanto apenas 10 por cento das mulheres afirmaram já terem aceiteado um presente ou dinheiro em troca de sexo, conforme indicado na Tabela 11. A grande diferença pode estar relacionada com um sentimento de estigma para as mulheres em relação ao facto de trocarem o sexo por dinheiro ou bens, enquanto para os homens isto pode ser considerado bastante comum e até mesmo um sinal de “virilidade”. Os homens que reportaram ter trocado bens por sexo apresentavam uma maior probabilidade de ter perpetrado violência física, psicológica ou se-

xual e ter testemunhado, vivido ou participado em violência urbana no último ano, comparativamente aos homens que não reportaram ter praticado sexo transaccional.

Trinta e sete por cento dos homens reportaram que tinham pago para ter relações sexuais ou tiveram-nas com uma trabalhadora do sexo; entre eles, 12 por cento indicaram que tinham pago para ter relações sexuais com uma trabalhadora do sexo que acham que era menor de 18 anos. Tal como nas outras formas de sexo transaccional, os homens que pagaram para ter relações sexuais com uma trabalhadora do sexo apresentavam uma probabilidade substancialmente maior de ter usado violência física contra uma parceira íntima e de ter forçado uma mulher a ter relações sexuais.

Tabela 11: Relatos de sexo transaccional

Tipo de presente	Homens que reportaram ter dado presentes em troca de sexo		Mulheres que reportaram ter recebido presentes em troca de sexo	
	n	%	n	%
Roupa, telefone, transporte ou qualquer outra coisa que ela não poderia comprar por meios próprios	343	34,4	29	5,9
Propinas escolares ou despesas domésticas	196	19,7	21	4,2
Arranjou para ela um lugar para viver	135	13,5	20	4,1
Produtos de beleza ou dinheiro para produtos de beleza	297	29,9	25	5,1
Presentes para os filhos ou outros familiares	143	14,4	21	4,3
Dinheiro ou pagou as contas dela	333	33,4	33	6,7
Deu-lhe algo que ela não teria condições de comprar	337	33,8	33	6,7
Arranjou a casa dela ou um carro para ela	85	8,5	9	1,8
Composto: Deu algo em troca de sexo (inclui qualquer um dos factos acima mencionados)	469	47,3	50	10,3



4. Conclusões

A. As várias formas de violência ao longo do ciclo de vida dos homens e das mulheres estão associados ao uso de violência no espaço público e privado.

As guerras, os conflitos e a violência na infância contribuem para o ciclo de violência no lar e em público.

Os conflitos que Moçambique registou no passado continuam a ter um impacto nas vidas diárias das mulheres e homens e o estudo constatou muitas formas em que esta violência continua a cruzar-se com a pobreza urbana, o desemprego e relações familiares desiguais. Quase um em cada cinco entrevistados viveu num campo de refugiados ou deslocados internos, quase um em cada três foi forçado a abandonar a casa da sua família e quase um em cinco reportou que tinha presenciado alguém a ser torturado durante a guerra. Catorze por cento dos homens reportaram ter participado na guerra como combatentes, muitos deles forçados para tal. Um quarto dos homens e das mulheres foram vítimas de violência física extrema (tortura) ou sexual (estupro ou forçados a violar sexualmente) durante uma das guerras.

Esta realidade deixou alguns homens — particularmente os combatentes do sexo masculino, que acham que algo lhes é devido pelos sacrifícios consentidos pelo seu país — com um profundo sentimento de frustração. Além disso, as pessoas que viveram o conflito mais directamente são também mais propensas a reportar o uso de violência em casa, confirmando a dinâmica complexa de violência entre o domínio público, a vida privada e a sociedade como um todo. De algumas formas, a violência relacionada com o conflito e a exposição a ela criam ciclos contínuos de violência no lar, manifestado na forma de pobreza, pais desaparecidos ou ausentes e violência perpetrada por homens contra crianças e parceiras. Além disso, os homens foram vítimas de violência na infância e os que estiveram envolvidos na violência urbana antes dos 18 anos de idade são mais susceptíveis de repetir esta violência nas relações com os seus parceiros.

B. A pressão económica dos homens está associada ao uso de violência no espaço privado e público.

A pobreza urbana confunde as relações de género com a luta por dinheiro.

A vida em Maputo e Matola é extremamente cara para a maioria dos seus residentes e os elevados índices de desemprego e subemprego confirmam que os postos de trabalho são escassos. Por sua vez, esta escassez está na origem da dinâmica social entre homens e mulheres na sua luta por encontrar oportunidades de sobrevivência e mitigar os desafios do desemprego e da pobreza. Esta dinâmica influencia as percepções e práticas de relações de género no lar e na esfera pública.

Os jovens de ambos os sexos lidam com a pressão económica de diferentes maneiras. As primeiras navegam pela pobreza procurando um futuro marido com dinheiro e algumas envolvem-se no sexo transaccional como forma de geração de rendimentos e dinheiro. Para os jovens do sexo masculino, o desemprego e a pobreza apresentam muitos desafios aos seus esforços para procurar o respeito elusivo de “ser um homem de verdade”. Eles exploram várias maneiras de lidar com a falta de oportunidades de trabalho para se tornarem “homens” — alguns procuram mulheres mais velhas com uma família e alguns recursos; outros procuram obter algum rendimento através de actividades criminosas. A criminalidade é frequentemente associada a imagens positivas de masculinidade para homens e mulheres: os homens de verdade e os homens desejados pelas mulheres são corajosos, poderosos e sabem como obter dinheiro.

O estudo constatou que a geração mais velha de homens e mulheres está preocupada com os homens jovens — com a sua falta de oportunidades de trabalho, a chamada influência corruptora da modernização e o abuso de drogas. Todos estes factores são vistos como responsáveis por “extraviar” os jovens. A percepção de falta de educação moral e a ausência de uma figura paterna estável foram frequente-

mente invocadas como causas do comportamento errante dos jovens.

No contexto da pobreza urbana, as relações de casal são muitas vezes tensas, uma vez que as mulheres procuram rendimentos junto aos seus parceiros do sexo masculino e os homens muitas vezes ocultam os seus ganhos e, em muitos casos, dão os seus rendimentos a uma segunda família. Os constrangimentos relacionados com o rendimento provavelmente também levam à decisão dos casais de permanecerem em uniões não oficiais, ao invés de formalizar as suas uniões. Esta situação cria vulnerabilidades contínuas para as mulheres em particular, dado que os casamentos legalmente reconhecidos proporcionam maior protecção jurídica às mulheres.

C. A violência contra um parceiro íntimo está associada a percepções tradicionais sobre as relações de género e interage com múltiplos factores

As relações de género tradicionais perpetuam a desigualdade mas, entretanto, os tempos estão a mudar.

As conclusões do IMAGES–Moçambique sugerem um fluxo dinâmico e híbrido de práticas tradicionais e modernizantes, em termos de relações de género. As percepções sobre a divisão do poder entre homens e mulheres são por vezes baseadas na religião, por vezes explicadas como sendo determinadas biologicamente e outras vezes atribuída as espíritos reconhecidos culturalmente – que reforçam a desigualdade, ao mesmo tempo que conferem alguma autonomia às mulheres, embora limitada.

A vida urbana e as circunstâncias económicas fazem com que homens e mulheres encontrem meios e formas de sustento que levam também à adaptação e transformação das normas tradicionais. Isto origina mudanças nas relações familiares onde a hierarquia e a cooperação se tornam mais misturadas e flexíveis.

Muitos agregados familiares encontram formas de lidar com a pobreza urbana e a escassez, e a maioria dos casais demonstram uma cooperação e solidariedade activa uns com os outros, ao mesmo tempo

que mantêm hierarquias de género tradicionais em que os homens são vistos como os chefes de família “naturais” ou de direito. Até certo ponto, as mulheres são “autorizadas” pelos homens a trabalhar e a contribuir para o rendimento familiar e os homens estão dispostos a partilhar algum trabalho doméstico, mesmo que os papéis de género tradicionais continuem a dominar a vida quotidiana da maioria dos casais. A geração mais nova em Maputo e Matola revela atitudes e práticas ligeiramente mais equitativas relativamente ao emprego das mulheres e à gestão doméstica e rejeitam o uso da violência contra as mulheres por parte dos homens. Por outro lado, continuam a reproduzir e a reinventar aspectos das atitudes tradicionais nas relações de género, segundo as quais os homens devem ser os chefes de família.

A VPI é muitas vezes normalizada e várias formas de violência interagem.

A violência contra um parceiro íntimo é comum: quase um terço dos homens indica já ter usado violência física contra as suas esposas ou parceiras. Esta é muitas vezes justificada através de crenças culturais e religiosas. Mais frequentemente, uma mulher lida com a violência ficando silenciosa para poder manter o marido em casa, já que esta é a melhor oportunidade que tem de continuar socialmente incluída na família – uma rede de apoio importante – face à pobreza urbana. Frequentemente, as mulheres navegam em papéis de submissão, enquanto os homens – desempregados e incapazes de corresponder às expectativas da sociedade – enfrentam um sentido de emasculação e agem de maneira violenta e não violenta.

É igualmente importante registar que, na sua maioria, as mulheres não são vítimas passivas da VPI, mas antes agentes activos em busca de oportunidades para fazer face às desigualdades de poder no lar e fora dele. Do mesmo modo, os homens não são unicamente perpetradores, mas também vítimas de várias formas de violência durante a infância, e não repetem meramente os actos de violência mas antes enfrentam sentimentos complexos de desempoderamento juntamente com explosões de abuso de poder e violência. As interações entre casais e a dinâmica de navegar pela escassez e lidar com o stress produzem violência no lar.

5. Recomendações

Uma série de recomendações-chave de políticas surge das conclusões qualitativas e quantitativas da pesquisa realizada em Moçambique:

- Implementar **programas de base comunitária** para restaurar os sistemas de apoio social ausentes nos recursos culturais de lidar com conflitos, escassez e stress, usando abordagens transformadoras de género.
- Implementar **programas psicossociais direccionados aos mais afectados pela violência** que procurem quebrar os ciclos de violência, dada a associação entre testemunhar a violência na infância e o posterior uso da VPI pelo adulto, incluindo a violência em espaços públicos.
- Expandir programas e políticas com vista a melhorar o **envolvimento dos homens na prestação de cuidados**, de modo a atingir a escala nacional.
- Implementar e incrementar **intervenções na escola e de base comunitária com a juventude** para abordar a experiência de violência baseada no género por parte das crianças, com recurso a abordagens transformadoras de género.
- **Incluir os jovens no desenvolvimento destas novas iniciativas**, em particular aquelas cujo enfoque incide na redução da pobreza, no desemprego e na violência urbana.
- Promover e expandir **campanhas dos órgãos de comunicação de massas**, mostrando modelos de relações de género que incluam homens não violentos e mulheres capacitadas.
- **Aprofundar os esforços existentes e criativos das ONG** que já procuram mudar os discursos relacionados com as masculinidades, nomeadamente os implementados pela HOPEM, Fanela Ya Mina e muitos outros através da identificação de estratégias com vista a incrementar esses esforços.

Enquanto Moçambique continua a recuperar de duas décadas de guerra e trabalha no sentido de

manter os seus muitos anos de paz desde o fim da guerra civil em 1992, as acções realizadas no futuro devem incorporar uma compreensão dos efeitos do conflito armado nas relações de género. Além disso, os elevados níveis de exposição à violência durante a infância requerem uma atenção séria a nível individual e comunitário. A identidade de género e as práticas nas relações de género estão fortemente ligadas à forma como os homens e as mulheres lidam com os factores de stress e encontram espaço para navegar as suas vidas no contexto urbano moçambicano. Por conseguinte, os programas e intervenções de base comunitária que procuram mudar as normas de género e as relações de género a nível comunitário devem incluir abordagens psicossociais e aprofundar as percepções culturais existentes relacionadas com a saúde e como lidar com as ameaças, stresses e problemas de saúde.

A maioria da população de Maputo acredita que os espíritos dos antepassados podem controlar os espíritos do mal, e embora por vezes eles reforcem a desigualdade de género, tais crenças também permitem alguma autonomia às mulheres. Os provedores de serviços públicos nas comunidades, nomeadamente a polícia, os profissionais de saúde e os provedores de apoio psicossocial, devem ser treinados para reconhecer a resposta baseada no género às experiências traumáticas e desenvolver respostas culturalmente enraizadas que promovam a igualdade de género. Embora exista uma ampla desigualdade enraizada nas relações de género tradicionais a ser ultrapassada, uma abordagem que incentive homens e mulheres, rapazes e raparigas a entrarem num processo de mudança com vista a melhorar o bem-estar individual e familiar pode completar modelos cujo enfoque incida na defesa dos direitos da mulher, por exemplo, em abordagens legalistas. Aprofundar as percepções locais sobre as relações de género pode também contribuir para mitigar a dinâmica desafiadora e a resistência contra a promoção da igualdade de género quando vista como uma questão imposta externamente, ocidental ou “colonial”.

Referências

Bagnol, B., & Mariano, E. (2009). "Politics of naming sexual practices". *Outliners, a Collection of Essays and Creative Writing on Sexuality in Africa*, Vol. 2.

Bénard da Costa, A. (2002). *Famílias na Periferia de Maputo: Estratégias de Sobrevivência e Reprodução Social*. Dissertação de Doutoramento em Estudos Africanos. Lisboa: ISCTE-IUL.

Braga, C. (2012). *"Death is Destiny": Sovereign Decisions and the Lived Experience of HIV/AIDS and Biomedical Treatment in Central Mozambique* (Doctoral dissertation), State University of New York at Buffalo.

Espling, M. (1999). *Women's Livelihood Strategies in Processes of Change: Cases from Urban Mozambique*. Department of Human and Economic Geography: University of Göteborg, Göteborg.

Goredema, C. (2013). Getting Smart and Scaling Up: The Impact of Organized Crime on Governance in Developing Countries – A Case Study of Mozambique. *Responding to the Impact of Organized Crime on Developing Countries*. Center on International Cooperation, New York University (CIC NYU).

Groes-Green, C. (2013). "To put men in a bottle: Eroticism, kinship, female power, and transactional sex in Maputo, Mozambique." *American Ethnologist: Journal of the American Ethnological Association*, Vol. 40, Issue 1, 102-117.

Instituto Nacional de Estatística. (2007). Recenseamento geral da população e habitação: Indicadores sócio-demográficos. Editora do INE, Maputo.

Instituto Nacional de Estatística. (2009). 2a edição do retrato da província de Maputo. Editora do INE, Maputo.

Instituto Nacional de Estatística (2011). Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS), Maputo.

Instituto Nacional de Estatística. (2015). Estatísticas e Indicadores Sociais 2014, Maputo.

Mariano, E. (2014). *Understanding experiences of reproductive inability in various medical systems in Southern Mozambique* (Doctoral dissertation), KU Leuven.

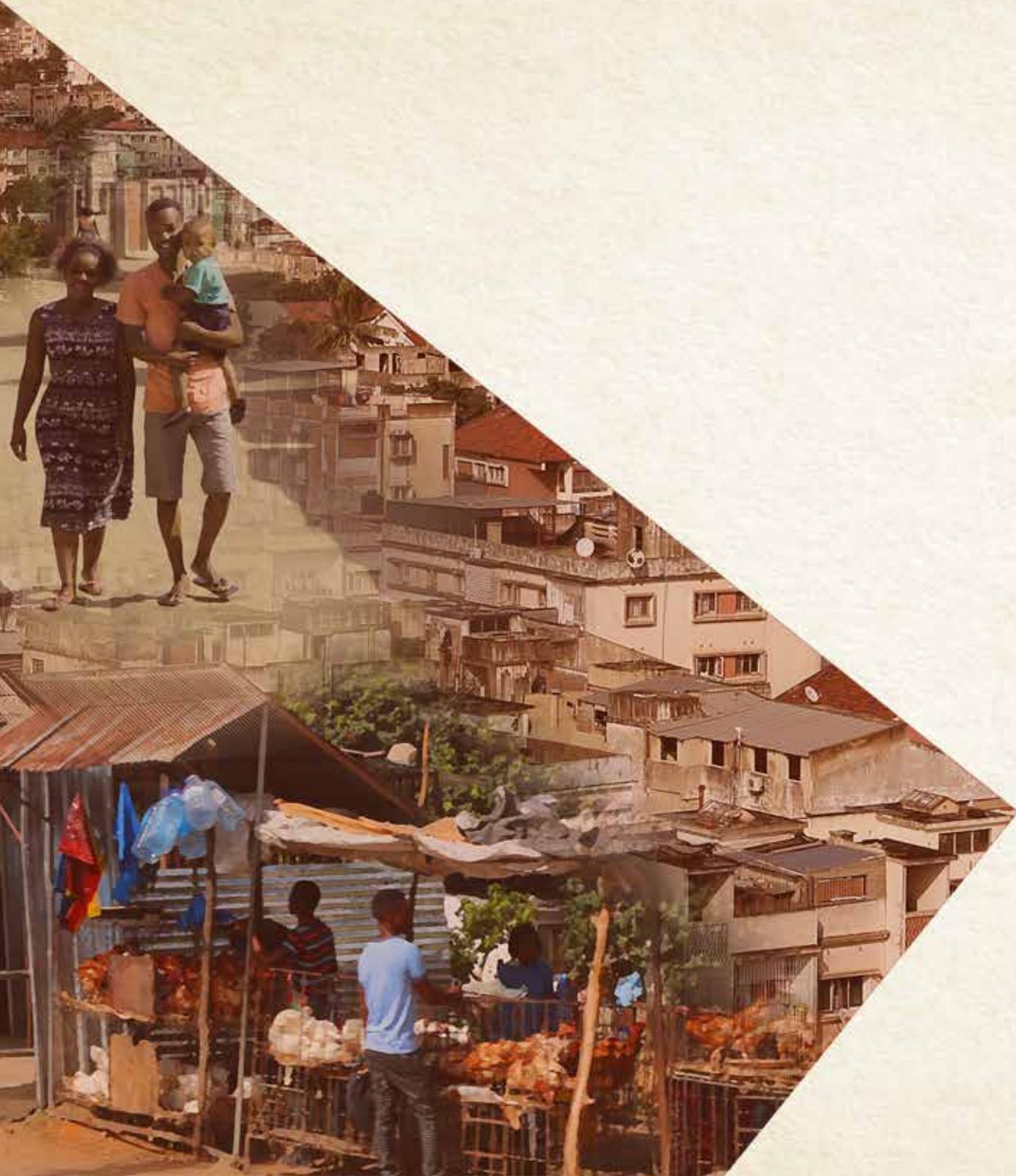
Mariano, E., Braga, C., & Moreira, A. (2016). Estudo sobre o Tráfico de órgãos e partes do corpo humano na Região Sul de Moçambique. CAFOD-CEMIRDE, Maputo.

Santos, A., Roffarello, L.M., & Manuel, L. (2015). *Perspectivas económicas na África – Moçambique*.

Shabangu, T. (2012). *A comparative inquiry into the nature of violence and crime in Mozambique and South Africa*. Institute for Democracy in Africa (IDASA): Pretoria.

United Nations Development Programme (2015). *Human Development Report: Work for Human Development*. UNDP: New York.

Zacarias, A. E., Macassa, G., Svanström, L., Soares, J. F., & Antai, D. Z. (2012). Intimate partner violence against women in Maputo city, Mozambique. *BMC International Health and Human Rights*, 12:35.



COORDENADOR

PARCEIROS



COM O APOIO DE

